

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DESVIÂNCIA

Droga e Etnia:

**Estudo Exploratório de Consumo de
Substâncias psicoativas pela Comunidade Cabo-
verdiana em Portugal**

Eunice Celeste Moreira Pereira de Barros

M

2022



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

DROGA E ETNIA:
ESTUDO EXPLORATÓRIO DE CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS PELA
COMUNIDADE CABO-VERDIANA EM PORTUGAL

Eunice Celeste Moreira Pereira de Barros

2022

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia da Justiça e Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **José Luís Fernandes** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À minha mãe, por sempre me auxiliar em tudo e pela sua incansável dedicação. Meu pilar, o meu maior exemplo. Obrigada de todo o coração!

Ao meu pai, igualmente quero agradecer pelo apoio.

Ao meu esposo, agracio por sempre estar presente e por caminhar comigo nesta longa jornada. Obrigada por tudo!

Aos meus irmãos, familiares e amigos que sempre me motivaram e suportaram quando precisei. O meu sincero agradecimento!

Ao meu distinto orientador, Doutor José Luís Fernandes, com quem tanto aprendi. Agradeço pelo excelente acompanhamento e orientação, obrigada pelo apoio, suscitação e tempo dedicado a este trabalho. Obrigada por tudo!

E por fim, mas não menos importante, deixo o meu sincero agradecimento a todos os participantes deste projeto, sem os quais não seria possível a conclusão do mesmo.

Ao meu filho que hoje se tornou na minha maior motivação, dedico este trabalho.

Obrigada a todos!

Resumo

O consumo de substâncias psicoativas assiste-se há milhares de anos. Sendo transversal à história da humanidade, atualmente tem constituído motivo de grande preocupação um pouco por todo o mundo. Diante disto, muitos são os estudos que procuram compreender os fatores subjacentes ao consumo de substâncias psicoativas, seus respetivos atores e o impacto que estes têm na sociedade. No entanto, procurando estabelecer a relação destas substâncias com questão de cariz étnico, depara-se com uma grande carência literária. Devido a essa escassez, o presente trabalho dispôs-se ao estudo da relação entre droga e etnia, concretamente, procura compreender os significados associados ao consumo de substâncias psicoativas em relação ao ser-se cabo-verdiano em Portugal.

Para tal, foi realizado um estudo qualitativo, propondo-nos numa ótica fenomenológica ao exercício de aproximação à experiência subjetiva que os entrevistados mantêm com as substâncias de consumo. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas a uma amostra de seis participantes constituída através do recurso à técnica *snowball*, utilizando a técnica de análise de conteúdo do tipo categorial temática para o tratamento dos dados. Os principais resultados apontam registos que nos permitem dar conta de uma comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal, agregada numa nova forma de ser e de estar, onde o consumo de substâncias psicoativas vem ganhando espaço, apresentando uma maior aceitação e normalização. Cada entrevistado retratou a complexidade do impacto que as substâncias psicoativas têm na sua vivência, permitindo-nos verificar consumidores que não se enquadram em representações problemáticas de consumo. Os resultados acusam uma prevalência de consumo da cannabis, indicando potencialidades que favorecem a sua regularidade em diferentes contextos. Não obstante, também há indícios de relatos negativos resultantes de consumo de substâncias psicoativas, impondo saberes e estratégias que procura uma dinâmica equilibrada e harmoniosa do consumo aos estados físicos/emocionais, contexto/circunstância e vida funcional. Assim, ao consumo de substâncias psicoativas, confere-se sentidos em torno dos quais, indivíduos atribuem características transformadoras das pessoas, modificando a forma de ver e sentir as coisas, possibilitando uma nova relação consigo e com o mundo.

Palavras-chave: Substâncias psicoativas; Significados de consumo; Etnia; Comunidade cabo-verdiana.

Abstract

The consumption of psychoactive substances has been witnessed for many years. Being a phenomenon present in the history of humanity, it has now been a cause of great concern all over the world. Due to this concern, some studies seek to understand the factors underlying the consumption of psychoactive substances, their respective factors, and the impact they have on society. However, when trying to establish the correlation between the use of these substances by ethnicity, there is a big lack of studies and scientific literature to understand this particular phenomenon. Given this scarcity, the present study will explore the correlation between drugs and ethnicity, more precisely, it seeks to understand the meanings associated with the consumption of psychoactive substances while being Cape Verdean in Portugal.

For this purpose, a qualitative study was carried out from a phenomenological approach to approximate the subjective experience that the participants maintain with the psychoactive substances. Semi-structured interviews were conducted with a sample of six participants, created using the snowball technique, and finally, to analyze and process all data, it was used the thematic category content analysis technique. The main results indicate data that allows us to witness a Cape Verdean community in Portugal, assembled in a new way of being and living, where the consumption of psychoactive substances has gained more ground, becoming more accepted and normalized. Each participant portrayed the complexity of the impact that psychoactive substances have on their experience, allowing us to verify, that consumers do not fit into the problematic representations of consumption. The results indicate a prevalence of cannabis use, indicating potentialities that favour its regularity, in different contexts. Nevertheless, there are also reports of negative representations resulting from the consumption of psychoactive substances, which compels the use of knowledge and strategies to seek a balanced and harmonious dynamic of consumption for the physical and emotional state, for the context or circumstances, and also, for the functionality of day-to-day life. Thus, the consumption of psychoactive substances, its attributed meaning identified by the participants, is of changing the characteristics of people, modifying the way of seeing and feeling things, and enabling a new relationship with themselves and with the world.

Keywords: psychoactive substances; Meaning of substance consumption; Ethnicity; Cape Verdean community.

Résumé

La consommation de substances psychoactives existe depuis des milliers d'années. Traversant l'histoire de l'humanité, elle est aujourd'hui une préoccupation majeure dans le monde entier. Dans ce contexte, de nombreuses études cherchent à comprendre les facteurs qui sous-tendent la consommation de substances psychoactives, leurs acteurs respectifs et l'impact qu'ils ont sur la société. Cependant, il y a un grand manque de littérature pour établir la relation entre ces substances et les problèmes ethniques. En raison de cette rareté, cette étude visait à étudier la relation entre les drogues et l'ethnicité, en cherchant spécifiquement à comprendre les significations associées à la consommation de substances psychoactives en relation avec le fait d'être Capverdien au Portugal.

A cette fin, une étude qualitative a été menée, nous proposant dans une perspective phénoménologique à l'exercice d'approcher l'expérience subjective que les interviewés ont avec les substances de consommation. Des entretiens semi-structurés ont été menés auprès d'un échantillon de six participants par la technique de la boule de neige, en utilisant la technique d'analyse de contenu thématique et catégorique pour le traitement des données. Les principaux résultats mettent en évidence des enregistrements qui nous permettent de rendre compte d'une communauté ethnique capverdienne au Portugal, agrégée dans une nouvelle manière d'être et d'être, où la consommation de substances psychoactives a gagné de l'espace, présentant une plus grande acceptation et normalisation. Chaque personne interrogée a dépeint la complexité de l'impact que les substances psychoactives ont sur leur vie, ce qui nous permet de vérifier les consommateurs qui ne correspondent pas aux représentations problématiques de la consommation. Les résultats montrent une prévalence de la consommation de cannabis, indiquant des potentialités qui favorisent sa régularité dans différents contextes. Néanmoins, il existe également des indications de rapports négatifs résultant de la consommation de substances psychoactives, imposant des connaissances et des stratégies qui recherchent une dynamique équilibrée et harmonieuse de la consommation par rapport aux états physiques/émotionnels, au contexte/circonstance et à la vie fonctionnelle. Ainsi, la consommation de substances psychoactives confère un sens autour duquel, les individus attribuent des caractéristiques transformatrices aux personnes, changeant la façon dont ils voient et ressentent les choses, permettant une nouvelle relation avec eux-mêmes et avec le monde.

Mots clés: Substances psychoactives; Sens de la consommation; Ethnicité; Communauté capverdienne.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I- Enquadramento Teórico	4
1.1. Substâncias Psicoativas	4
1.1.1. Uso de Substâncias Psicoativas ao Longo do Tempo	4
1.1.2. Questões Conceptuais.....	6
1.2. Etnia.....	7
1.2.1. As Etnias: Uma Ótica Pós-colonial.....	7
1.2.2. A Comunidade Cabo-verdiana: Uma Íntima Relação com Portugal.....	10
1.3. Droga e Etnia	14
1.3.1. Um Fenómeno Oculto	14
1.3.2. Algumas Evidências Empíricas.....	15
Capítulo II- Método	17
2.1. Objeto e Objetivo de Investigação	17
2.2. Abordagem Qualitativa – A Fenomenologia	17
2.3. Participantes.....	18
2.4. Instrumento.....	19
2.5. Procedimentos de Recolha dos Dados	20
2.6. Procedimentos de Análise dos Dados	20
Capítulo III: Apresentação e Discussão dos Resultados	22
3.1. Componentes Biográficos	22
3.2. Droga/Experiência	23
3.2.1. A Primeira Experiência de Consumo	23
3.2.2. Os Significados de Consumo	24
3.3. Droga/ Substância	26
3.3.1. Tipo de Drogas e as Respetivas Formas de Consumo	26
3.3.2. Regularidade de Consumo	27
3.4. Droga/Contexto.....	28
3.4.1. Individual/ Coletivo	28
3.5. Saber das Drogas.....	29
3.5.1. Efeitos Favoráveis/Desfavoráveis	29
3.5.2. A Gestão de Consumo	30

3.5.3. Atitude/Juízo de Valor	32
3.6. Etnia.....	32
3.6.1. Ser-se Cabo-verdiano em Portugal.....	32
3.6.2. Comunidade cabo-verdiana e as Drogas: Os Discursos	34
Nota de Síntese	36
Considerações finais.....	38
Referências bibliográficas	41
Anexos.....	46

Introdução

A relação que o homem mantém com as substâncias psicoativas constitui uma prática milenar e transversal à história da humanidade. Contemplando o passado, o homem sempre procurou alterar a mente através de várias substâncias, usadas em contextos socioculturais variados, com múltiplas finalidades e formas de consumo.

O consumo destas substâncias, considerado atualmente como uma das grandes complexidades e preocupações sociais, os problemas que esse consumo tem proporcionado para o indivíduo e para a sociedade constituem nos últimos anos motivo de grande discussão (Negreiro, 2003). Neste sentido, muitos são os estudos que se têm debruçado sobre as substâncias psicoativas, procurando trazer conhecimentos variados acerca dos seus usos e dos seus atores. No entanto, apesar da crescente preocupação, poucas são as pesquisas que tomam como ponto de interesse questões de cariz étnico, refletindo no que parece saber-se pouco sobre quem as usam e que tipos de uso lhes dão.

Perante esta carência de estudos nacionais e internacionais referentes a associação entre a droga e etnia - especialmente, a comunidade étnica cabo-verdiana - de forma exploratória, procuramos com o presente trabalho conhecer e compreender os significados de consumo de substâncias psicoativas pela comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal. Esta que constitui num dos principais imigrantes em Portugal, não só em termos absolutos, mas também pela sua íntima relação histórica com a metrópole que remonta ao processo do povoamento das ilhas de Cabo Verde. Assim, desprendendo-se de qualquer tipo de associação e ideias pré-fabricadas, procuramos outorgar espaço à construção de uma/ou de uma nova narrativa, procurando perceber as experiências de consumo dentro dessa comunidade étnica, tal como elas significam para os seus atores.

Contudo, para uma melhor organização dessa dissertação, o presente trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No capítulo I, depara-se com o enquadramento teórico acerca do nosso objeto de estudo, procurando contextualizar o fenómeno em apreço para assim alcançarmos uma melhor clarificação de conceitos. No capítulo II, abordamos o método escolhido para a nossa investigação empírica e, seguidamente, no capítulo III, será apresentado uma composição dos resultados obtidos após a análise do nosso material empírico, recolhido a partir das entrevistas, permitindo-nos primeiramente abordar aspetos que nos remete para a caracterização dos componentes biográficos dos indivíduos de modo a traçar um retrato dos nossos participantes. Posteriormente, abordamos aspetos que nos facultam uma leitura acerca das suas primeiras experiências e significados associados aos consumos. A seguir, apontamos elementos mais

objetivos: os tipos de drogas utilizadas, formas de consumo e regularidade de consumo, procurando fazer um enquadramento das conformidades que os indivíduos mantêm com as substâncias psicoativas. Contextualizamos as experiências inerentes aos consumos das substâncias psicoativas, trazendo um panorama sobre o seu contexto de consumo (individual ou coletivo). Abordamos também, o saber das drogas (efeitos das drogas, gestão de consumo e atitude/juízo de valor sobre as drogas), procurando aceder às representações dos indivíduos face aos efeitos de consumo, conhecer as estratégias de gestão face aos riscos inerentes ao consumo, assim como as atitudes/juízos associados ao uso destas substâncias. Por último, abordou-se aspetos respeitantes à etnia, procurando a partir das experiências e vivências dos indivíduos construir uma representação do que é ser cabo-verdiano em Portugal, seguido dos discursos produzidos sobre o uso de substâncias psicoativas pela comunidade étnica cabo-verdiana. Para o desfecho do capítulo apresentamos uma nota de síntese respeitante aos resultados apresentados.

Finalmente, apresentamos algumas considerações finais, concluindo com uma visão crítica sobre as principais potencialidades e limitações deste estudo, assim como as sugestões para trabalhos posteriores.

“Droga é só aquilo a que se chama droga, pois, enquanto uma substância não for denominada como droga não é droga, e inclusive uma substância pode ser em certas ocasiões drogas e noutras não”.

Domingos Comas (1984)

Capítulo I- Enquadramento Teórico

1.1. Substâncias Psicoativas

1.1.1. Uso de Substâncias Psicoativas ao Longo do Tempo

O consumo das substâncias está entre as práticas mais antigas perpetuadas pelo ser humano. A droga atravessa a trajetória do processo histórico-cultural dos povos desde os tempos mais remotos (Poiares, 1999). A sua evolução coincide com a história da humanidade, atuando como parte da sua cultura, dos seus rituais religiosos e das suas relações humanas, assumindo ao longo do tempo diferentes sentidos, formas de consumo e díspares amplitudes (Poiares, 1999). De acordo com Escohotado (2004), na cultura considerada a mais antiga do planeta (caçadores-coletores), os sujeitos aprendiam e reafirmavam a sua identidade cultural através da experiência com algumas drogas psicoativas. O uso de diferentes substâncias psicoativas ao longo do percurso histórico da humanidade é refletido através do cultivo de diversas plantas, provavelmente as mais antigas do planeta, comumente aproveitadas no dia a dia, como as plantações de papoila-dormideira no sul de Espanha e da Grécia, no nordeste de África, no Egipto e na Mesopotâmia (Escohotado, 2004). Nos tempos primordiais onde a medicina, religião e a magia eram inseparáveis, percebidas como partes de uma única essência, as suas práticas na maioria das vezes também tinham por base o uso de substâncias psicoativas. A mais antiga confluência destas três dimensões é o xamanismo, divulgada inicialmente por todo o planeta, cujo sentido consiste em ministrar técnica de êxtase, sendo este um transe capaz de eliminar as barreiras entre o sonho, o céu e o subsolo, a vida e a morte, como escreve Escohotado, (2004):

Tomando uma droga, ou dando-a a outro - ou a toda a tribo - o xamã lança uma ponte entre o comum e o extraordinário, que serve tanto para a adivinhação mágica como para cerimônias religiosas e para terapia.

O uso das substâncias psicoativas ainda remete ao tempo em que, precedentemente do que era considerado sobrenatural se resumir em dogmas escritos, a base de inúmeros cultos era o que se compreendia em estado de consciência alterada, onde as primeiras hóstias ou formas sagradas de comunhão eram consumadas através de substâncias psicoativas como peyotl, o vinho ou certos cogumelos (Escohotado, 2004). Tomemos como exemplo a seguinte descrição: porque depois de terem implorado o favor dos deuses (...) radiantes e alegres se entregavam à descontração e ao prazer (...). Em eras anteriores já era costume considerar-se a ebriedade depois de sacrificar. Porém, a ebriedade como uma prática religiosa que o homem antigo praticava com

várias substâncias psicoativas, nem sempre se limitava a experiência de carácter puramente sacramental, ela muitas vezes era tida como uma experiência puramente hedonista (Escohotado, 2004).

O uso milenar destas substâncias não só foi empregue como fonte de prazer, também constituiu recurso de aplicação médica e farmacêutica devido a grande carência farmacológica na idade média (Poiars, 1999, cit. in Nunes & Jólluski, 2007). Autores apontam registos da utilização medicinal do ópio na antiga Grécia (Poiars, 1999, cit. in Nunes & Jólluski, 2007); os egípcios utilizavam frutos extraídos do ópio aplicados como analgésico e calmante; também há registos do uso do cânhamo na tradição bramânica como aquilo que agiliza a mente, conferindo longa vida e potencializa os desejos sexuais, sendo utilizado também para tratamentos de oftalmologia, febre, tosse seca e disenteria (Escohotado, 2004).

O uso destas substâncias encaradas como práticas culturais, sociais e religiosas em diversas sociedades remotas, o seu respetivo consumo não desencadeou problemas de cariz social e nem clínico, pois, ainda que o seu uso se calcule aos milhões, não existiu registos que faz referências aos consumidores regulares de ópio (Escohotado, 2004).

É só a partir do século XIX que se edificou a ponte que nos remete para a problematização do consumo de algumas drogas, particularmente nos Estados Unidos, assente nomeadamente no paradigma proibicionista, emergido em 1869. Antes de se constituir uma doutrina legal para tratar da “questão das drogas” o proibicionismo caracteriza uma prática moral e política, sustentando que por meio de leis próprias, o Estado deve proibir determinadas substâncias, reprimindo seu consumo e comercialização (Escohotado, 1996, cit. in Rodrigues, 2008).

Assim, a comunidade internacional consciente da gravidade que os consumos de algumas substâncias começavam a revelar, em termos sanitários, procurou disciplinar e controlar o consumo de droga, empenhando-se na produção de normas que permitissem diminuir a sua intensidade (Poiars, 1998). As drogas antes consumidas com uma certa liberdade ou com poucas restrições passaram a ser de uso restrito ou totalmente proibido. No entanto, a consequência direta destas restrições não se refletiu na redução ou eliminação dos mercados das drogas, mas sim, no seu incremento. Com isto, a meta explícita do proibicionismo parecia estar cada vez mais distante: As leis que prescreviam o fim das drogas e dos seus mercados acabavam por potencializá-los. O proibicionismo, assim, estabelece um novo crime e um novo mercado, gerando o narcotráfico (Rodrigues, 2008). Posteriormente, e precisamente em junho de 1971, presenciou-se o que melhor reflete a construção social da droga enquanto problema, quando se declarou sob a liderança do Presidente Richard Nixon, a guerra às drogas, tendo como objetivos primordiais, a redução da produção e o tráfico de drogas (Coronato, Oliveira & Rodrigues, 2020), atendendo

assim, a necessidade de combater traficantes e consumidores tanto em solo norte-americano como no exterior.

“As drogas deixaram de ser vegetais mais ou menos mágicos, ligados a ritos e sacramentos, para serem compreendidos nos elementos nucleares da substância orgânica, despojados de toda ênfase mítica até então conferidas às diferentes substâncias.” (Escohotado, 2004).

1.1.2. Questões Conceptuais

Platão se referia aos *phármaka* como algo que se situava entre as coisas que, simultaneamente, podiam ser benéficas ou prejudiciais (Sequeira, 2006 cit. in Nunes & Jóluski, 2007). Já o Paracelso sustenta que apenas a dosagem de substância utilizada podia fazer essa diferença entre remédio e veneno, visto que o efeito da droga dependia excepcionalmente da dose administrada, da pureza da substância, das condições e das razões da sua utilização, como também das normas culturais subjacentes (cit. in Nunes & Jóluski, 2007).

Considerando as variações conceituais que abrangem as substâncias psicoativas, importa verificar que da mesma forma que o uso das drogas foi sofrendo alterações ao longo do tempo, também as óticas sobre elas foram assumindo diferentes contornos e sendo alvos de diversas interpretações (Nunes & Jóluski, 2007). Tendo em conta a diversidade de áreas que para ela contribuem e a multiplicidade de discursos produzidos sobre o objeto droga, torna-se difícil a produção de uma definição consensual ou una (Fonte, 2006), dado que “droga não quer dizer sempre a mesma coisa”, e desta forma, não subsistindo, uma correspondência unívoca entre o nome e a(s) coisa(s) que designa, tal como descreve Fernandes (1990, p.3).

No entanto, no presente trabalho, optando pela definição de Escohotado (2004): droga, psicoativa ou não, continuamos a entender o que desde há milénios pensavam Hipócrates e Galeno, pais da medicina científica: uma substância que em vez de ser vencida pelo corpo (e assimilada como simples nutriente), é capaz de vencê-lo, provocando - em doses ridiculamente pequenas se comparadas com as de outros alimentos - grandes alterações orgânicas, anímicas ou de ambos os tipos.

Contudo, ao longo deste trabalho preferencialmente adotamos pelo termo de substâncias psicoativas pela sua imparcialidade e por ser um termo abrangente para designar os diferentes produtos lícitos e ilícitos. Por vezes empregamos a palavra droga de modo a considerar a denominação utilizada por diversos autores, relativamente ao objeto em análise.

Seguidamente, iremos abordar a questão da etnia, procurando ao longo do texto evidenciar e compreender o impacto que esta tem no cariz psicológico e social dos indivíduos, demonstrando de que forma a etnicidade atua nas divergências sociais diante de numa sociedade dita multiculturalista. Ainda neste capítulo, destacamos a comunidade étnica cabo-verdiana na sua íntima relação com Portugal, país este, onde os cabo-verdianos escolheram viver, ter os seus filhos e netos, ajudando igualmente a edificar um país que também é deles (Góis, 2008).

Para um melhor entendimento desta temática, seguidamente exploram-se algumas das suas principais particularidades.

“O fenómeno étnico constitui um dado permanente e fundamental dos nossos dias, um fenómeno essencial da sociedade global.” (Bréton, 1999)

1.2. Etnia

1.2.1. As Etnias: Uma Ótica Pós-colonial

A etnia é encarada como sendo uma realidade histórica e supra-individual incontestável (Vaz, 2005), e que Bréton (1999) define como um grupo de indivíduos ligados por um complexo de caracteres comuns - antropológicos, linguísticos, políticos, históricos, etc., cuja associação constitui um sistema próprio, uma estrutura essencialmente cultural. É a comunidade abrangida por uma cultura específica.

Uma vez que se encontra vinculada à presença de culturas e línguas, a sua presença remete à época tão antiga quanto a existência da humanidade. Porém, falar da etnia ainda configura tratar-se de um termo moderno, que à luz da atualidade, a sua ascensão e os conflitos por vezes violentos que ela provoca, surpreendem como algo recente e preocupante. Num mundo inspirado pelo pensamento universal, a contestação étnica é, frequentemente, entendida como divisionista e retrógrada, como uma simples manifestação de revolta (Bréton, 1999).

Assim, a classificação das etnias não deve ser encarada unicamente de forma sintética, mas sim dinâmica, devendo acompanhar a evolução. Esta evolução, que por sua vez, assenta no jogo dos contrastes, elementos da estrutura étnica e profundamente dialética: cada grupo de caracteres, linguísticos, raciais, socioeconómicos sofre alterações no seu interior e em relação com os outros. A posição respetiva das etnias, longe de ser estável, é constantemente posta em questão as

tendências opostas, convergentes e divergentes não param de as animar, aproximando umas e separando outras, e assim, é a dinâmica das etnias (Bréton, 1999).

Até à década de oitenta, com a exceção da comunidade cigana e de uma pequena comunidade cabo-verdiana, relativamente às sociedades de imigração, Portugal era a mais antiga e muito homogêneo de um ponto de vista étnico. As grandes clivagens culturais situavam-se essencialmente, entre os meios rurais e os urbanos e entre as elites e as classes mais desfavorecidas (Marques, 2007). Contudo, com as deslocções de populações do antigo mundo colonial, ora para as Grandes Guerras, ora depois na sequência da segunda Guerra Mundial, para reconstruir a Europa, implicou grandes migrações populacionais entre as colónias por razões laborais, onde na maioria dos casos, não se colocou a questão ou hipótese de regressarem às suas terras de origem. Ainda mais tarde com o movimento da descolonização, deslocaram-se elementos significativos de população com vivência colonial, tais como: os ex-colonizadores, os ex-colonizados, e nova vaga de emigrantes, que chegaram durante as primeiras décadas após o reconhecimento das ex-colónias como países independentes (Ribeiro & Ribeiro, 2016). Este movimento contribuiu para uma maior heterogeneidade da população portuguesa em termos culturais, linguísticos e religiosos (Cabecinhas, 2007).

Assim, como se poderia esperar, a imigração levou à formação de diferentes grupos étnicos que agora coabitam numa mesma esfera social, introduzindo importantes transformações na sociedade portuguesa. A evidência de uma real convivência «multiétnica» impôs-se inegavelmente, sobretudo nas principais cidades (Marques, 2007).

Como se verifica:

“...O cabo-verdiano “fixou lugares” ao recriar nos “Bairros” os ambientes tradicionais da sua cultura de origem, em que a organização do espaço, os vínculos de parentesco e os rituais simbólicos - religiosos são a afirmação de identidade que marca as “diferenças” entre imigrados e nativos, tornando-se uma espécie de “ameaça psicológica” para estes.” (Lopes, 1995, cit. in Veiga, 2012).

Em Portugal é visível a presença de várias culturas, e em particular a cultura cabo-verdiana. Contudo, esta comunidade vinda da ex-colónia, não trouxe “bagagens e nem pertences”, mas, conserva as suas lembranças e ensinamentos através da realização dos festejos dos Santos Populares, exposições de fotografias, produção gastronómica, dança, música, entre outros aspetos.

E assim, finalmente, uma nação étnica e multicultural, dizem as vozes mais otimistas (Khan, 2016). Porém, de acordo com Paul Gilroy (2005, cit. in Ribeiro & Ribeiro, 2016) estas pessoas, os seus filhos e os seus netos, atualmente, constituem parte da Europa, localizados sobretudo em áreas de grandes carências, mas que entretanto, do ponto de vista de Tariq Moodod (2007, cit. in

Ribeiro & Ribeiro, 2016) é positivo, na medida em que este configura um lugar de contacto e encontro, apesar do desequilíbrio fundador em que este encontro foi traçado e das segregações raciais, sociais e habitacionais originados pelo novo urbanismo europeu, possibilitando desta forma, uma invisibilidade de uma grande parte desta população europeia, muitas vezes étnica e religiosamente marcada.

Em muitas sociedades europeias ocidentais, a pertença a minorias étnicas, nomeadamente as que se têm constituído a partir da imigração proveniente dos países do “terceiro mundo”, está frequentemente associada a uma condição social desfavorecida, a um padrão de comportamentos e valores contrastantes com a cultura envolvente e, em vários casos, à mobilização para formas de ação política socialmente disruptiva (Machado, 1992).

Ainda de acordo com Marques (2007), os grupos minoritários aparecem frequentemente associados aos problemas da criminalidade e violência urbanas, ao desemprego, ao tráfico de drogas, à economia subterrânea, à insegurança, aos custos sociais e, mais recentemente, ao terrorismo. Esta visão negativa do africano fortemente enraizada em Portugal durante séculos, através de ideias, de mitos, de imagens, de conceitos e de preconceitos introduziu marcas profundas na sociedade portuguesa (Ribeiro & Ribeiro, 2016), cujas origens vinculam-se a um tempo longínquo.

Tal como podemos ver:

“Num primeiro período, que corresponde ao momento fundador das relações dos portugueses com os africanos, no quadro das viagens marítimas ao longo da costa de África nos séculos XV e XVI, assistimos a um processo de reconhecimento do Outro marcado pela surpresa e pela curiosidade perante o novo, perante o diferente: terras, homens, naturezas, animais, práticas sociais e culturais, religiões, línguas, técnicas, produções, mercadoria, etc. No entanto, nada daquilo parecia respeitar a norma, naturalmente portuguesa e europeia. Portadores de inquietações perante o desconhecido, mas também de ideias feitas e de conceitos à *priori* resultantes do seu próprio sistema de valores, estes homens tencionam dar conta das novidades encontradas. Porém, identificados e descritos, os africanos e as suas práticas não podem ser compreendidos, já que o sistema cultural europeu de que depende o olhar português impõe certezas e gera leituras deformadoras das realidades africanas. Instalando-se, assim, a diferença negativa do Outro” (Ribeiro & Ribeiro, 2016).

Todavia, esta distinção entre nós e os outros envolve o reconhecimento de uma diferença e essa diferenciação por sua vez nunca é neutra, podendo provocar repulsa, receio, inquietação ou atração (Taguieff, 1997; Wieviorka, 1992,1995, cit. in Cabecinhas, 2007). Neste sentido, estudo realizado em Portugal revela que a perceção das disparidades culturais não constitui uma descrição

imparcial das divergências, mas antes uma avaliação negativa da diferença, e que, quanto maior for a diferença percebida entre brancos e negros, maior é a orientação para a discriminação dos negros nas políticas sociais e para a restrição dos direitos sociais e de cidadania política dos imigrantes negros (Vala e Lima, 2002: 182, cit. in Khan, 2016). Diante desta diferenciação que se baseia em características reais ou imaginárias, essas particulares atribuídas a determinado grupo, geralmente são estendidas a todos os seus membros e encaradas como sendo imutáveis. No entanto, estas mesmas características são constantemente reinventadas e reinterpretadas em função do momento histórico e das normas sociais vigentes (Machado, 2000; Taguieff, 1997, cit. in Cabecinhas, 2007).

Como podemos verificar:

Aos “nativos das colónias” nunca lhes eram atribuídos relevo às suas diversidades individuais, sendo estes “sempre designados genericamente por pretos, do mesmo modo que o universo das suas práticas culturais se reduz quase sempre ao sedutor batuque” (Cunha, 2001, cit. in Cabecinhas, 2007).

Diante de todos estes fatores, o processo de construção da identidade nacional daqueles cujos bens culturais foram massacrados, torna-se lento, mas contudo fundamental, e para tanto, torna-se indispensável passar pela construção da identidade daquele povo, dos colonizados, das minorias, de cada homem, mulher e criança que compõe aquela etnia, cujas formas de agir e cujos conceitos a ser valorizados são ainda referenciados pelas marcas deixadas nos seus pensamentos e nas suas vidas (Flois, 2017).

Após as considerações aqui expostas acerca das etnias e considerando o objeto de investigação do presente trabalho tornou-se indispensável reservar uns parágrafos onde se possa retratar a relação que o povo cabo-verdiano tem conservado com Portugal desde as primeiras imigrações para a metrópole. Com estes parágrafos, ainda é esperado que se possa melhor conhecer e compreender um modo particular de ser e de estar de uma nação análoga e ao mesmo tempo tão diferente: O povo das ilhas.

1.2.2. A Comunidade Cabo-verdiana: Uma Íntima Relação com Portugal

Os cabo-verdianos constituem uma das mais importantes comunidades de imigrantes em Portugal, quer em termos absolutos, quer históricos. O fenómeno da imigração cabo-verdiana para Portugal tem bases realmente muito antigas que remontam ao processo de povoamento das ilhas

de Cabo Verde (Martins, 2009). Esta terá começado certamente ainda na centúria XVI ou XVII, tendo persistido ao longo dos séculos, oculta aos olhos da maioria e disfarçada pelo breu da escravatura (Góis, 2008). Entretanto no século XX, consolidada a independência, liberdade individual e o direito de movimento, Portugal foi escolhido por um número crescente de cabo-verdianos que para aqui vieram viver, estudar ou trabalhar, emergindo uma íntima ligação dos imigrantes cabo-verdianos para com Portugal. Todavia, de modo a melhor perceber essa estreita ligação, é importante ter em consideração pelo menos três fases distintas da migração cabo-verdiana para Portugal (Góis, 2008). Na primeira fase, os cabo-verdianos eram tidos como trabalhadores convidados. É comumente aceite que a origem da comunidade cabo-verdiana em Portugal terá emergido por volta dos anos 60 (Góis, 2008), estimulada pelo próprio governo português, que para fazer face à falta de mão de obra provocada pela emigração portuguesa para França e pela guerra colonial, contrata em massa mão de obra cabo-verdiana (Maurice, 1997). Estes trabalhadores que maioritariamente chegaram a Portugal contratados como sendo mão de obra de substituição (Góis, 2008) são canalizados, sobretudo, para o setor da construção civil, uma vez que decorria a construção do metropolitano de Lisboa, (Maurice, 1997). Inicialmente estes trabalhadores eram essencialmente masculinos, mas rapidamente, em virtude do reagrupamento familiar se feminiza formando comunidades mistas (Góis, 2008). Ainda de acordo com o autor, a segunda fase da imigração dá-se nos anos 70 com a independência de Cabo Verde e das outras colónias portuguesas em África. Aos imigrantes desta fase intitulam-se cabo-verdianos retornados/repatriados. Esse processo de repatriação teve origem na guerra colonial (1962-1974), mas vai atingir o seu auge na segunda metade dos anos 70 com o repatriamento dos colonos portugueses, dos funcionários da administração colonial e suas famílias, assim como um número assinalável de refugiados (Pires, 1999, cit.in Góis, 2008). De entre os retornados/repatriados muitos eram cabo-verdianos com nacionalidade portuguesa incluídos no movimento de retorno das ex-colónias e que se concentraram igualmente na área metropolitana de Lisboa tirando partido da existência de uma rede de suporte formada por conterrâneos já instalados. Por último, e igualmente importante, assiste-se a terceira fase, cabo-verdianos como imigrantes laborais. A partir dos anos 80 retornam-se as migrações laborais anteriormente interrompidas com a independência de Cabo Verde, e estas sucedem até os dias de hoje. Esta fase é marcada por um forte predomínio de fluxos internacionais de trabalho, assim como o processo de reagrupamento familiar (Góis, 2008). Os outrora migrantes inter-regionais cabo-verdianos e trabalhadores inter-regionais convidados transformaram-se, por decreto, em imigrantes laborais, muitos dos quais entraram no país como turistas e ingressam na clandestinidade, ou permanecem numa situação irregular. Esses imigrantes exercem, como é óbvio, profissões variadas, mas concentram-se, essencialmente, em dois setores de acordo com o seu sexo, sendo que os homens se encontram mais no setor da

construção civil e obras públicas, e as mulheres no setor das limpezas industriais e/ou domésticas (Góis, 2008). Esta concentração setorial e os baixos salários auferidos comprometem na forma como ocorre a integração desta população que pela sua frágil posição no sistema socioeconómico e baixas qualificações profissionais e escolares, ocupa uma posição na estrutura e na hierarquia de prestígio social que a impede de assumir o protagonismo na escolha do espaço residencial, sendo assim, relegada para espaços sociais e simbolicamente desvalorizada (Gonçalves, 1996, cit. in Gonçalves & Pinto, 2001).

Perante estas fases migratórias, milhares de cabo-verdianos que escolheram Portugal como destino, aqui tiveram seus filhos e netos, dedicaram as suas vidas a ajudar a construir um país que também é deles (Góis, 2008). Os imigrantes cabo-verdianos em Portugal, apesar de ser visto como sendo “homogéneos”, diferenciam-se internamente a partir de diversos aspetos, não significando com isso que não partilhem marcas de uma identidade comum, reciprocamente entendida e aceite como “cabo-verdiana” (Batalha, 2008). Os longos séculos de isolamento entre as ilhas acarretaram uma profunda demarcação cultural que só começou a ser desconstruída após a independência, mediante a iniciativa de construção de um projeto de identidade nacional cabo-verdiana (Martins, 2009). Dentre estes aspetos de diferenciação, deparamos primeiramente com a questão de separação entre os de barlavento (norte), que são genericamente denominados “sampadjudos”, ao passo que os de sotavento (sul), são denominados de modo genérico, como “badios”. Essa diferenciação tem implicações na língua, pois cada grupo fala um crioulo com características próprias. Outra distinção igualmente importante está relacionada com a classe social, pois nem todos os imigrantes são pobres e nem todos os que chegam pobres ao destino permanecem assim. Por fim, os costumes que retratam a vivência nas diferentes ilhas possuem sempre características muito específicas à despeito da cultura nacional cada vez mais homogeneizadora. É a partir desse conjunto de diferenças e semelhanças que se deve pensar uma comunidade de cabo-verdianos na diáspora (Martins, 2009).

Embora reconhecidos como uma “comunidade” grande e única (e.g., França, 1992; Gomes, 1999), os cabo-verdianos que vivem em Portugal encontram-se dispersos por várias e diversas pequenas comunidades, cuja existência se verifica sobretudo ao nível das vizinhanças de bairro (Batalha, 2008). Os cabo-verdianos organizam as suas identidades em torno de representações sociais de “raça”, etnicidade, educação e classe, que combinadas definem a sua posição social dentro da sociedade portuguesa e nas suas próprias comunidades locais, entre eles mesmos (Batalha, 2008). Deste modo, iremos aqui destacar a comunidade cabo-verdiana em Portugal a partir de duas divergentes realidades sociais: por um lado encontramos aquelas pessoas que possuem educação secundária ou superior, designada como a “elite” colonial cabo-verdiana; e por outro lado, deparamos com os imigrantes trabalhadores cabo-verdianos, pessoas com pouca ou

nenhuma educação escolar (Batalha, 2008).

Os considerados a “elite” colonial estão integrados nos estratos médios e superiores da sociedade portuguesa, sendo muitas vezes, invisíveis aos olhos da restante sociedade. Muitos destes nasceram e foram criados durante as últimas décadas do colonialismo e conservaram a cidadania portuguesa após a independência de Cabo Verde, em 1975. Esta “elite” integrou-se facilmente quer na sociedade colonial, adotando os seus ideais dominantes, quer na sociedade portuguesa pós-colonial, onde se reconheceu, sobretudo, com um conjunto de valores conservadores que refletem o velho “império” e a colonização (Batalha, 2008). Já os trabalhadores imigrantes cabo-verdianos em Portugal, vivem num mundo social que pouco ou nada tem que ver com o da “elite” cabo-verdiana instruída. A sua migração para a “metrópole” iniciou-se nos anos 1960 e continua ainda hoje. Muitos eram analfabetos ou apenas possuíam a escolaridade básica e frequentemente incompleta (equivalente aos atuais 2º ou 3º anos). Oriundos sobretudo da região rural, tiveram de se adaptara uma nova realidade, uma vida urbana em Portugal, passando de camponeses a operários, no entanto, mantiveram preservados aos seus valores e representações sociais basilares da sociedade rural cabo-verdiana (Batalha, 2008). Enquanto os pais tentavam conservar e reproduzir o mundo social que deixaram em Cabo Verde, os filhos cresceram numa espécie de limbo social: se por um lado, não se identificaram com o mundo dos pais, por outro, também não alcançaram um espaço social satisfatório na sociedade portuguesa pós-colonial (Batalha, 2008). Ainda de acordo com o autor, os “bairros sociais”, à semelhança dos “bairros de lata”, constituíram-se como espaços de isolamento social para as famílias cabo-verdianas, pois, a maior parte dos filhos dessas famílias nascem e crescem nesses espaços sem necessidade de sair, a não ser para frequentar a escola e para trabalhar. Mas tendo em consideração que alguns desses bairros possuem escolas “integradas” que apenas servem as crianças e os jovens aí residentes, faz com que a integração social satisfatória seja ainda mais difícil de se alcançar, fortalecendo cada vez mais, a imagem e perceção negativa que a própria comunicação social, também produtora de identidade, ajudou a alimentar acerca dos descendentes de famílias cabo-verdianas imigrantes, (Batalha, 2008). Se os pais eram retratados como “pobres, mas honestos”, “bons trabalhadores” e “trabalhadores explorados”, os filhos em contrapartida, são retratados como “vítimas do insucesso escolar” e muitas vezes, como “delinquentes juvenis” (Batalha, 2008). Contudo, os descendentes dos imigrantes, em muitos aspetos estarão culturalmente mais próximos dos jovens portugueses com a mesma condição social do que das suas próprias famílias. Como também podemos ver, tendo em conta o cenário de retorno aos países de origem dos seus pais, esses jovens não deixariam de ser aí culturalmente contrastantes mesmo quando em comparação com a categoria etária equivalente (Machado, 1994). Podemos assim dizer, que a identidade cultural desses jovens luso-africanos, combina dimensões que remetem para uma herança cultural transmitida pela sua

família com outras que remetem o seu trajeto pessoal no seio de uma sociedade muito diferente daquela de que os seus pais são oriundos. Tendo em conta que o universo da família e da cultura de origem não constitui uma referência positiva, não só pelas condições de vida difíceis dos seus como pela distância cultural que, entretanto, se criou, muitos jovens luso-africanos poderão encontrar-se numa situação de dupla cultura mal integrada. Assim, pode-se dizer que estes jovens poderão, assim, estar entre duas culturas, mas longe de qualquer uma delas (Machado, 1994). Emergindo assim, por mais variadas formas de manifestação, “uma nova cultura”, “uma nova forma de ser e de estar” de uma comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal.

1.3. Droga e Etnia

Nesta última abordagem do enquadramento teórico, droga e etnia, apresenta-se uma breve exposição referente a alguns fatores que explicariam a associação entre o consumo de substâncias psicoativas e a etnia. É de salientar que, entre esses dois fenómenos, poucos são os estudos a debruçarem-se sobre o tema, particularmente em Portugal, por razões diversas, conforme é apresentado no decorrer deste capítulo. Ainda é apresentada algumas evidências empíricas no que diz respeito a questão em análise, tendo alguns estudos demonstrado vulnerabilidade dos jovens das minorias étnicas no que toca ao uso de substâncias psicoativas, conforme iremos observar.

1.3.1. Um Fenómeno Oculto

O consumo das drogas assim como os problemas que têm proporcionado para o indivíduo e sociedade tem sido motivo de grande debate nos últimos anos (Negreiros, 2003). Porém, no que toca ao consumo dessas substâncias relacionadas com as questões étnicas, poucos são os estudos que se têm debruçado sobre o assunto. Apesar da crescente preocupação por parte dos pesquisadores e alguns serviços, em abranger questões étnicas na sua relação com o consumo de substâncias psicoativas, é admissível que na maioria dos países da União Europeia não existem contribuições e análises consistentes sobre o tema (Fountain et al., 2004). No entanto, estudo levado a cabo por Fountain et al. (2004) em vários países da União Europeia, demonstra ainda que o uso das drogas entre as comunidades étnicas (negra e minoritária) é particularmente “oculto”, pois, a falta de reconhecimento desse fenómeno, tanto por parte dos pesquisadores sociais que incidem sobre as questões relacionadas com as drogas, como dos serviços que debruçam sobre as mesmas, torna difícil avaliar a prevalência do uso das drogas entre essas comunidades. A falta de acesso à comunidade, devido à barreira linguística, aparece igualmente como uma das razões associadas à falta de pesquisas referentes às questões das drogas no seio das comunidades étnicas. Autores

ainda apontam que as próprias comunidades étnicas muitas vezes tendem a encobrir o uso das drogas de forma a evitar o estigma associado ao seu uso, assim também pelo receio de serem marginalizados.

1.3.2. Algumas Evidências Empíricas

Estudo desenvolvido por Gaspar et al. (2006), demonstra que jovens pertencentes a grupos étnicos minoritários pela particularidade das pressões a que estão sujeitos (aculturação, discriminação, racismo, desenraizamento, intolerância, preconceito, etc.) apresentam tendências para evidenciar prevalência de condutas problemáticas.

De igual forma, Investigações efetuadas nos EUA em diferentes sub-grupos étnico-culturais, os jovens africanos foram os que revelaram padrões mais elevados de comportamentos de risco, tais como, consumo de álcool e drogas, comportamentos de violência e insucesso escolar (Patterson & Kupersmidt, 1990; Arbona et al., 1999, cit. in Matos, Gonçalves & Gaspar, 2004).

É legítimo afirmar que os indivíduos dessas comunidades étnicas se situam numa posição de vulnerabilidade relativamente ao uso problemático das drogas (Fountain et al., 2004), visto que frequentemente se concentram em áreas urbanas socialmente desorganizadas com um maior índice de incidência criminal e de pobreza e devido à reduzida oportunidade de trabalho e educação para membros dessas comunidades, quando comparadas com comunidades mais favorecidas, torna mais provável o risco de ingressarem no “mundo das drogas” (Alexander, 2010; Kubrin et al., 2009; Leiberet et al., 2010; Reboussin et al., 2016; Wight et al., 2004, cit. in Ash-Houcher e Lo, 2020).

Ainda, como forma de lidar com o stress e a tensão, que por sua vez abala a saúde mental, ocasionada pela exposição a estas áreas de alta pobreza, recorrem igualmente ao uso de substâncias ilícitas, de acordo com McLeod & Owens (2004, cit. in Ash-Houcher e Lo, 2020).

Também, a sobrevivência económica sucede como um outro fator associado ao uso problemático das drogas através do envolvimento na distribuição das drogas. Tendo em consideração a carência económica que envolve essas comunidades, o comércio das drogas aparece como uma atraente proposta de geração de rendas, porém, aqueles que aproveitam desse método de subsistência são muitas vezes vulneráveis ao seu uso pessoal (Fountain et al., 2004).

Contudo, ainda é de realçar que estes jovens se encontram sujeitos às influências de diversos fatores que se manifestam tanto a nível individual (autoconceito, depressão, stress e locus de controlo), como a nível sociocultural (família, escola, grupo de pares e comunidades) (Mendoza & Sagrera, 1990; Matos, Gaspar et al., 2003, cit. in Gaspar et al., 2006). Neste sentido, as mudanças que ocorrem a nível cultural, assim como a quebra de laços familiares, a brusca mudança de

ambiente, as barreiras linguísticas e a discriminação, constituem fatores de tensão e de risco entre os jovens dessas comunidades (Neto, 2003, cit. in Gaspar et. al., 2006), traduzindo-se em características associadas ao estilo de vida que envolvem perigo, principalmente para aqueles indivíduos que provêm de famílias com baixo nível socioeconómico e educacional, e de famílias monoparentais (Frasquilho, 1996; Griffins, Scheiier, Borvin, Diaz & Miller, 1999; Steinberg, Dornbusch & Brown, 1999; Roberts, Phinney, Masse & Romero, 1999; Carlson, Uppal & Prosser, 2000; Matos, Gaspar et al., 2003, cit. in Gaspar e tal., 2006).

E por fim, importa aqui salientar que os jovens na adolescência passam por um complexo processo de desenvolvimento, sobretudo, a (re)construção da identidade pessoal, que por sua vez, tende a intensificar com o processo de aculturação (Neto, 2003, cit. in Gaspar e tal., 2006), resultando muitas vezes em comportamentos de riscos. Nesta direção, a comunidade étnica, encarada como espaço residencial (simultaneamente público e privado), para muitos destes jovens pertencentes às minorias étnicas -estas comunidades tendencialmente constituem o palco principal de mediação entre as ações e comportamentos individuais, e conseqüentemente, as diversas representações que as estruturas socioculturais ali atribuem (Gonçalves & Pinto, 2001).

Capítulo II- Método

2.1. Objeto e Objetivo de Investigação

Mediante a complexidade do fenómeno em apreço, assim como a falta de estudos nacionais que abrange o fenómeno droga na sua relação com a questão étnica contribuiu para a escolha do tema, “droga e etnia”. Assim, para a presente investigação optou-se pela realização de um estudo exploratório de consumo de substâncias psicoativas pela comunidade cabo-verdiana em Portugal. De um modo geral, a partir das perceções, de crenças e conceitos que os indivíduos possuem acerca das suas vivências e experiências no “mundo das drogas”, o presente trabalho procura conhecer e compreender os significados que os próprios participantes atribuem aos seus consumos de substâncias psicoativas.

Com vista a obtenção do objetivo traçado para o presente trabalho, cujos dados foram recolhidos a partir das entrevistas, procurou-se responder às seguintes questões de investigação:

1. Quem são os atores de consumo?
2. Que tipos de drogas são consumidas?
3. Em que contexto se dão os consumos?
4. Que funcionalidade tem os consumos?
5. Como é ser cabo-verdiano em Portugal?
6. De que forma o consumo é vista pela comunidade cabo-verdiana?

2.2. Abordagem Qualitativa – A Fenomenologia

Este método é conhecido como aquele que trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, aprofundando a complexidade dos fenómenos, factos e processos; passa pelo observável e o transcende ao estabelecer inferências e atribuir significados ao comportamento (Silva, 2010). Propõe aprofundar-se na compreensão dos fenómenos em análise interpretando-os segundo a perspetiva dos próprios sujeitos que participam da situação, tendo em conta o seu contexto social (Guerra, 2014).

Desta forma, considerando o objetivo estabelecido para o presente trabalho, visando a compreensão dos significados que os sujeitos atribuem às suas ações, especialmente, o consumo de substâncias psicoativas, a abordagem qualitativa mostrou-se a mais adequada para a exploração do nosso objeto em análise na medida em que nos permite de um modo aberto e flexível descrever e compreender a perspetiva dos participantes, evidenciando a realidade de uma forma complexa e

contextualizada (Ribeiro, 2008), proporcionando assim, o alcance de um universo das percepções, das emoções, das interpretações e significações que os participantes atribuem às suas vivências (Chizzotti, 1991, p. 82, cit. in Mendes & Miskulin, 2017).

Assim, procurou-se a compreensão do fenómeno em estudo tal como ela é experienciada pelos sujeitos a partir do que pensam e de como agem, enquanto um *ser- no- mundo*, admitindo assim, uma perspectiva fenomenológica. A fenomenologia se propõe a uma descrição direta das experiências tal como elas são, no sentido de alcançar os significados que essas experiências tiveram para aqueles que as vivenciaram - o “retorno às coisas mesmas” (Gil, 2008).

O autor ainda refere alguns desafios na utilização deste método que se prendem com a ausência de uma delimitação rígida e da não utilização de técnicas estruturadas para a coleta de dados, características essas, próprias das pesquisas fenomenológicas, refletindo assim, no peso da subjetividade na interpretação dos dados. Diante disto, Husserl, sugere o abandono de pressupostos e julgamentos, propondo a adoção da redução fenomenológica que requer a suspensão das atitudes, crenças e teorias - com a colocação "entre parênteses" do conhecimento das coisas do mundo exterior, como as experiências pessoais e significações do próprio investigador - a fim de concentrar-se exclusivamente na experiência em foco, para ir ao encontro do fenómeno tal como ele significa para a pessoa (Gil, 2008).

2.3. Participantes

Considerando a natureza delicada e oculta do objeto em análise, para se chegar aos participantes da presente investigação recorreremos à técnica metodológica *snowball*. Esta constitui uma ferramenta bastante útil para estudar indivíduos de difícil acesso, socialmente invisíveis ou “ocultos”, sendo suas atividades largamente consideradas como sendo clandestinas aos olhos da sociedade dominante e das instâncias de controlo social (Watters & Biernacki, 1989).

É considerada uma abordagem metodológica de cariz não probabilístico, estando incluída num conjunto de ferramentas metodológicas que podemos designar genericamente por cadeia de referência em que o indivíduo previamente localizado, é solicitado que através de um procedimento nominativo, nomeie outros indivíduos que integram os critérios estabelecidos de modo a assegurar as cadeias de referências (Fernandes & Carvalho 2000), auxiliando assim na aproximação entre a investigadora e o próximo sujeito a participar da entrevista. Nesta direção, procuramos delinear a nossa cadeia de *snowball*, tendo chegado ao nosso primeiro entrevistado através do contacto pessoal da investigadora, designado aqui como “informante”. Este ajudou a localizar alguns indivíduos com as características necessárias para a nossa investigação e que posteriormente também foram solicitados que indicassem a partir das suas redes, alguns contactos

que enquadrassem no perfil pretendido para a pesquisa. Foram fornecidos em média 2 números telefónicos por pessoa, mas nem todos os contactos fornecidos demonstraram interesse em participar do estudo, por vezes, indicando outros novos contactos que consideravam enquadrar melhor na investigação. Desta forma, constituiu-se a nossa amostra por um total de 6 participantes, sendo 4 do sexo masculino e 2 de sexo feminino, com idades compreendidas entre os 23 anos e os 43 anos. Relativamente ao estado civil, é constituído na sua maioria por solteiros, havendo um participante casado e um a coabitar em união de facto. Em termo das habilitações literárias, dois participantes têm curso superior, um concluiu o curso médio e os restantes têm o ensino secundário incompleto. Todos os entrevistados têm uma ocupação profissional.

No que tange aos critérios de inclusão e de exclusão dos participantes, era necessário que estes fossem cabo-verdianos (em Portugal) e que tivessem práticas de consumo de algum tipo de substância psicoativa. Não sendo, assim, imprescindível ter um critério específico referente aos padrões de consumo.

2.4. Instrumento

Para a nossa investigação, a entrevista foi a técnica utilizada para a recolha dos dados. A entrevista enquadrada numa conceção dialógica, admite a existência de uma relação dinâmica entre o entrevistador, entrevistado, o contexto e o tema da comunicação (Bakhtin, 1995, cit. in Aires, 2015), em que ambos atores (entrevistador e entrevistado) podem influenciar-se mutuamente, seja consciente ou inconscientemente (Aires, 2015).

Como uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano, esta adota uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas (Fontana & Frey, 1994, cit. in Aires). Assim, procurando responder às questões de investigação e o objetivo proposto para o presente trabalho privilegiamos a entrevista individual semiestruturada como instrumento de recolha dos dados. Esta técnica, que combina um guião com questões predefinidas, permite ao entrevistador um maior controlo sobre o que se pretende saber relativamente ao objeto de investigação, proporcionando espaço para uma reflexão livre e espontânea dos entrevistados sobre os tópicos assinalados (Minayo & Costa, 2018), isto é, permite que estes se debruçam sobre a temática que lhes parecem mais relevantes para o estudo em apreço, adaptando as respostas às suas realidades de vida.

Contudo, o guião da entrevista semiestruturada, elaborado precisamente para auxiliar e orientar na recolha de dados da presente investigação, iniciou-se com a caracterização dos participantes a nível sociodemográfico e seguidamente aborda questões mais abrangentes relativamente às seguintes dimensões: experiência de consumo, contextos de consumo,

funcionalidades do consumo e, por fim, questões relacionadas com a comunidade étnica cabo-verdiana e o consumo (Anexo 1).

2.5. Procedimentos de Recolha dos Dados

Ao iniciar as entrevistas todos os participantes foram informados acerca do objetivo da entrevista, assim como a questão do anonimato e confidencialidade dos dados. Ainda foram solicitados a permissão para a gravação da entrevista em formato áudio, informando igualmente sobre a sua posterior transcrição para subsequente análise.

Importa referir que as entrevistas do presente estudo decorreram nos locais escolhidos pelos participantes, especificamente, em cafés e suas habitações. Procurou-se minimizar o máximo de distrações possíveis de forma a não interferir na concentração e na qualidade da gravação.

Conforme descreve Woods (1987); Ludke e André (1986); Bogdan e Biklen, (1994), pretendeu-se criar um ambiente de bem-estar, confiança, empatia, credibilidade e de relação para que o entrevistado se sentisse à vontade e confortável para se expressar de modo espontâneo e autêntico as suas narrativas, exteriorizando excertos da sua experiência através de histórias que o caracteriza enquanto ser único. No entanto, os entrevistados nem sempre apresentam uma postura natural, essencialmente no início das entrevistas dado à consciência que os sujeitos têm de que estão a ser observados, dos constrangimentos associados ao papel do entrevistador, assim como da interação entrevistador-entrevistado (Vala, 1986).

Por fim, de forma a legitimar o procedimento de recolha dos dados, facultou-se ao entrevistado a possibilidade de se pronunciar ativamente sobre a situação de entrevista, acrescentando e esclarecendo questões que lhe pareciam pertinentes.

2.6. Procedimentos de Análise dos Dados

Após o processo de recolha dos dados, constando as entrevistas em formato áudio, procedeu-se a transcrição integral do material empírico para um documento Word, constituindo assim, o *corpus* da pesquisa, submetido aos procedimentos analíticos.

O método utilizado para a nossa análise dos dados foi a análise de conteúdo definido por Bardin (1977), como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruçam, realçando um sentido que se encontra em segundo

plano (Bardin, 1977).

Entre as variadas técnicas da análise de conteúdo, a análise categorial temática parece-nos essencial para a nossa proposta de investigação. Esta embora seja a mais antiga, é na prática a mais utilizada pela sua rapidez e eficácia na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidade, categorizando-o segundo reagrupamentos analógicos (Bardin, 1977).

Posto isto, a organização dos nossos dados (discursos dos sujeitos) obtidos a partir das entrevistas, procedeu-se da codificação das unidades de registo a partir do recorte do objeto em torno dos temas abordados, dando assim, a sua subsequente agregação em categorias e subcategorias tendo em conta a fundamentação teórica e o objeto de análise do presente trabalho.

Em todo esse processo, que se caracteriza pela passagem dos dados brutos aos dados organizados, procurou-se atender a validação interna dos dados, visando assegurar os princípios de exclusão mútua: homogeneidade; pertinência; objetividade e fidelidade; e produtividade (Bardin, 1977) das categorias propostas, a fim de garantir a sua qualidade.

Assim temos a nossa grelha de análise de conteúdo, organizada em seis categorias, incluindo: componentes biográficos, droga/experiência, droga/substância, droga/contexto, saber das drogas e etnias. Categorias estas das quais cinco abrangem subcategorias (Anexo2).

Capítulo III: Apresentação e Discussão dos Resultados

Nesta secção, iremos apresentar e discutir os resultados da investigação empírica do presente trabalho, e tendo em mente que aqui pretendemos apresentar e compreender os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências de consumo de substâncias psicoativas, também nos parece pertinente, perceber de que forma se dá a construção dos significados.

Entre as várias referências teóricas distinguiu-se o interacionismo simbólico, uma perspectiva que trata de compreender o processo de criação e atribuição de significados sobre o vivido atribuindo peso significativo aos símbolos no processo de comunicação humana, procurando assim, relacionar símbolos e interação, isto é, verificar de que forma os significados surgem no contexto do comportamento (Gil, 2008).

Como escreve Blumer (1982):

(...) el ser humano orienta sus actos hacia las cosas en función de lo que éstas significan para él. (...) el significado de estas cosas se deriva de, o surge como consecuencia de la interacción social que cada cual mantiene con el prójimo. (...) los significados se manipulan y modifican mediante un proceso interpretativo desarrollado por la persona al enfrentarse con las cosas que va hallando a su paso”.

3.1. Componentes Biográficos

Os nossos entrevistados são de nacionalidade cabo-verdiana a viverem em Portugal, distribuídos na cidade de Lisboa. Todos nasceram em Cabo verde, dos quais, três imigraram para Portugal mediante o processo de reagrupamento familiar - tendo um dos entrevistados alegado ter saído de casa aos 12 anos de idade, decidindo viver à sua responsabilidade; dois para frequência do ensino superior – instaurando uma nova vivência junto dos pares, onde o consumo ganhou novas formas; e um para fins laborais em busca de melhores condições de vida – intuindo no futuro mandar buscar a família deixada para trás.

A análise dos componentes biográficos revela uma maior prevalência de família monoparental, constituindo a mãe como a figura principal no cuidado dos filhos. Permitiu-nos ainda perceber que se tratava em parte de famílias desestruturadas, com relatos de conflitos, verificando existência de experiências de consumo de substâncias psicoativas por parte de um

progenitor, estando este atualmente a cumprir pena de prisão.

Os entrevistados são solteiros na sua maioria e residindo com familiares, um é casado e um coabita em união de facto. No que cinge a formação académica, esta é variada, entre os quais: dois são licenciados, um possui o curso médio, três possuem o ensino secundário incompleto. Relativamente as ocupações abrangem profissões das diversas áreas, como: professora, entregador CTT, barman, assistente da ação direta (em lar de repouso), construção civil e operador de caixa do supermercado.

Contudo, no que toca a relação dos entrevistados com as substâncias psicoativas, todos os participantes mantêm um consumo de substâncias psicoativas, cujo início se revelou ainda em Cabo Verde, com idade de iniciação entre os 8 e os 21 anos, resultando em uma idade média de 16 anos. Apesar da longa relação com as substâncias psicoativas, trata-se de consumidores que se enquadram em figurações de consumo não problemático.

E assim, construímos um retrato dos nossos entrevistados.

3.2. Droga/Experiência

3.2.1. A Primeira Experiência de Consumo

Verificamos que a maioria dos entrevistados tivera o primeiro contacto com a substância psicoativa enquanto estudante, sendo a cannabis apontada por todos como a substância usada na primeira experiência de consumo. *“Ainda andava na escola, tinha 14 anos, tinha uma amiga que se chamava D, me convidava sempre para fumar umas ervas e dizia que era fixe (...). (F., 38 anos, sexo masculino). Esta fase de adolescência comumente marcada por vários acontecimentos, de acordo com Monteiro, Araújo, Martins & Silva (2012), é quando dá-se o primeiro contacto com a droga, visto ser uma fase marcada por procuras e descobertas, sendo notável o aumento da importância dos grupos, conflitos intrapessoais e com a família, procurando os jovens nesta fase, a sua participação em novos espaços e comportamentos que muitas vezes os tornam mais vulneráveis às situações externas, como o consumo de drogas, delinquência e condutas sexuais de risco. “(...) eu sempre recusava porque as pessoas diziam que ganza deixava as pessoas loucas, mas ela dizia que era tudo mentira, que não acontecia nada disso. Até que um dia eu quis experimentar (...). Fui para casa com medo que me acontecesse alguma coisa, mas correu tudo bem, e desde aí passou a ser todos os dias, já eu é que ia atrás delas. Quando aprendi a fumar de verdade, comecei a comprar as minhas próprias cenas” (F., 38 anos, sexo masculino).*

Ao início do consumo de substâncias psicoativas, vários são os fatores que se encontram subjacentes ao encontro do sujeito com substâncias. Assim, as narrativas obtidas com as

entrevistas permitiram-nos destacar alguns fatores como a curiosidade, pressão dos pares e a tensão psicológica. A maioria dos entrevistados apontam a curiosidade em vivenciar novas experiências como o fator motivador para o primeiro contacto com a substância psicoativa, ainda que numa tenra idade. *“Aos 8 anos de idade comecei a usar marijuana, ainda vivia em cabo verde. O meu tio consumia ervas e escondia ao redor da casa, daí eu descobri o esconderijo e experimentei, desde aí comecei a consumir, mas sempre escondido (...)”* (B., 43 anos, sexo masculino). Uma única pessoa refere a pressão por parte de colegas como elemento causador da primeira experiência de consumo. *“Fui obrigada a consumir, senti-me pressionada. Andavam um grupo de alunos atrás da escola a fumar ganza, as minhas colegas e eu descobrimos-lhos, então fomos obrigadas por eles a fumar aquelas substâncias de forma a garantir que íamos guardar o segredo”* (D., 23 anos, sexo feminino). E por último, foi possível verificar que a tensão psicológica manifesta aqui em forma de ansiedade constituiu também o motivo a partir do qual se concretizou o primeiro contacto com a substância psicoativa: *“A minha primeira experiência foi com colegas, éramos um grupo de amigos da faculdade, tinha 19 anos e eu como tenho ansiedade, estes meus amigos começaram a dizer que ganza ajuda a relaxar a mente e que a pessoa fica mais tranquila e nisso comecei a consumir. E de fato vi que aquilo me relaxava, comecei a gostar daquele efeito que causava em mim”* (E., 28 anos, sexo feminino). Assim, tal como descreve Pedrosa et tal. (2020), o início do uso de substâncias psicoativas está relacionado com a busca de sensações novas, expectativas sociais, percepção de disponibilidade fácil da substância, percepção do uso de substâncias pelos pares e percepção da aprovação do uso que associados a aspetos próprios da faixa etária influenciam o seu uso.

Contudo, ainda no que diz respeito à primeira experiência de consumo, a maioria dos participantes faz referência a sensação de prazer e bem-estar, não obstante, também há registo de referência à sensação de mal-estar decorrente do primeiro consumo.

3.2.2. Os Significados de Consumo

O consumo de substâncias psicoativas não ocorre num vazio. Para além do uso de substância por um indivíduo com uma personalidade evidentemente singular, características como a cultura, as expectativas do sujeito, o seu saber prévio, e as formas como a substância é ingerida desempenham um papel fundamental no modo como a significação é construída em torno deste uso (Bernardo & Carvalho, 2012). Neste sentido, de uma forma mais simbólica, deparamos com o consumo, especialmente da cannabis, como algo que “liberta” e “transforma”, encarado pelos indivíduos como um desprender de tudo que magoa e aflige, “é aquela paz, um alívio profundo!” É procurar transformar emoções, minimizar sofrimentos e sentimentos.

A totalidade das pessoas entrevistadas alegam terem a percepção de um maior e melhor conhecimento/relação consigo próprio, considerando proveitoso o uso de substâncias psicoativas no que respeita à nova forma de pensar e perspetivar as situações. Assim, a experiência de consumo é concebida como algo que transforma e modifica a forma de ver e sentir as coisas, equiparando ao que Fernandes & Carvalho (2000) chama de descoberta de novas dimensões em nós e no mundo das coisas e dos outros - droga-gozo, caracterizado por um estado translúcido, positivo e criativo, conforme descrevem os entrevistados:

“Faz-me pensar diferente, em como posso dar um passo adiante, porque enquanto estou naquela flutuação fico a pensar nas coisas que fiz e nas coisas que deveria fazer. Então, depois de pensar e elevar a minha mente vejo e faço as coisas de forma diferente, faz-me ficar em paz e tranquilo com aquilo.... Não sei como, mas eleva a minha mente, deixa-me bem concentrado e ajuda-me a relaxar” (A., 30 anos, sexo masculino).

“É uma experiência sem igual, ajuda-te a clarificar as ideias, ficas a pensar e a conectar-se consigo próprio. É a procura de relaxamento e na verdade ficas super relaxado, não queres problema com ninguém, ficas na tua. É como um tranquilizante” (D., 23 anos, sexo feminino).

O consumo de substâncias psicoativas ainda foi relatado por uma entrevistada, como fonte de diversão em momento de lazer, partilha de momentos e adrenalina. *“Quando estou nas festas essas cenas dá-me mais euforia, estou mais espontânea. Imagina uma pessoa na autoestrada a abrir a porta do carro só porque deu-lhe essa “vibe”, no momento a pessoa até acha que é fixe, tem lá os amigos que apoiam porque estão todos naquela adrenalina...”* (D., 23 anos, sexo feminino).

A partir dos resultados, ainda foi possível verificar que no consumo de substâncias psicoativas encontra-se uma forma de lidar com as fragilidades, resguardar dos problemas e das preocupações, procurando assim ir ao encontro de uma satisfação plena, uma sensação de bem-estar e prazer. O consumo é percecionado como um refúgio. *“Quando algo me afeta procuro consumir em busca de um refúgio onde posso relaxar e tranquilizar. É como se estivesse noutro lugar, num mundo relaxante, sem aflições nem ansiedade e sem medo, onde tudo é calmo, onde há paz e serenidade, onde aparenta que tudo vai correr bem”* (E., 28 anos, sexo feminino). *“Já tive muitas turbulências na minha vida, não sou uma pessoa totalmente estável e o consumo ajuda-me a afastar um bocado dessa realidade (...)”* (A., 30 anos, sexo masculino). Neste sentido, aproximamos da ótica partilhada por Freud, de que o indivíduo procura evitar o sofrimento a partir das substâncias tóxicas, por agirem diretamente sobre a química do corpo humano e, assim, tornar os homens insensíveis à própria desgraça (Ribeiro, 2009), tal como podemos verificar: *“Mais vale o efeito nocivo de uma droga do que lidar com ansiedade, porque ela é capaz de acabar comigo mesmo antes da droga. As vezes costumo ter crises de ansiedade, então uso marijuana como forma de me acalmar* (E., 28

anos, sexo feminino). Assim, no “mundo das drogas” acredita-se encontrar um novo lar, “*é como se deslocasses de onde estás e ires para um outro lugar, abandonas tudo, ficas bem relaxado e não sentes nada dos teus problemas*” (F., 38 anos, sexo masculino).

3.3. Droga/ Substância

3.3.1. Tipo de Drogas e as Respetivas Formas de Consumo

Como mencionado anteriormente, a cannabis é apontada pela totalidade dos entrevistados como a primeira droga de consumo, no entanto, ao longo das entrevistas também foram surgindo menções acerca das outras drogas, como ecstasy (MDMA), cogumelos alucinógenos e *balão*¹.

Cannabis, considerada a substância ilícita mais consumida em Portugal, verifica-se que a maioria dos consumidores e das consumidoras da população geral (15- 74 anos e 15-34 anos) a consomem diariamente ou quase diariamente (SICAD, 2018.) Constituindo a droga predominante de consumo entre os participantes do presente trabalho, cinco dos entrevistados referenciam um consumo diário da cannabis e um apresenta um consumo mais ocasional. Comumente, é apresentado um consumo fumado desta substância. O consumo da cannabis ainda é percebido como a ponte para o consumo das drogas mais “pesadas,” como heroína e cocaína, conforme descreve um dos entrevistados: “*Muitos dos meus amigos que começamos a fumar juntos hoje já não consomem só a marijuana, porque chega a uma dada altura que ganza não te sacia e vais querer experimentar outras coisas mais pesadas e que podem te levar para algum caminho do mal*” (F., 38 anos, sexo masculino).

Ecstasy (MDMA), quatro dos entrevistados referem que já tiveram contacto com esta substância, mantendo um consumo esporádico; e um relatou o seu uso de carácter meramente experimental. Os entrevistados tendencialmente associam uso desta substância aos convívios e

¹Balões: conhecido como a “droga do riso”, um fluido cujas propriedades analgésicas e hilariantes foram descobertas no século XIX pelo dentista Horacio Wells. Óxido nitroso, este é considerado o gás do riso, usado como psicotrópico em contextos lúdicos. Seu consumo está associado a alucinações, confusão, entorpecimento persistente e lesões. Além disso, o gás tem efeitos adversos significativos quando administrado por longos períodos ou repetidamente, afetando principalmente o metabolismo da vitamina B12 e do ácido fólico. Em casos extremos, pode levar à morte, se for consumido em enormes quantidades que provoquem asfixia, embora isso ocorra muito raramente. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/20/internacional/1576840565_348450.html

experienciam o consumo desta substância pela ingestão da mesma misturada com outras substâncias, como a água ou até mesmo bebidas alcoólicas.

“É a designada droga da euforia, podendo deixar a pessoa dias sem dormir, eu mesmo já passei 4 dias sem dormir. (...) Uma garrafinha com água e uma pedra lá dentro... (...) mas também há quem goste de tomar com álcool, eu aí já não me meto muito” (C., 36 anos, masculino).

“Há uns que trazem símbolos de festas (com mãos para o ar). Supostamente estes é que são mesmos para festas, mas na verdade é só o nome que muda, porque é tudo para festas, não podes tomar um desses comprimidos e andar por aí na rua ou ir trabalhar. Quem usa pastilhas para ir trabalhar vai estar aí a subir pelas paredes (risos), embora há pessoas que fazem isso. Ficas eufórico! Por isso é que é mais para festas (D., 23 anos, sexo feminino).

Cogumelos alucinógenos, o seu uso aparece referenciado por um único entrevistado. Como o mesmo descreve: *“Diziam que é natural, estava na moda e tive curiosidade em saber como era. Os cogumelos podem-se comer crus ou cozinhados, ou ainda fazer chá deles. No entanto, há o risco de os cogumelos serem venenosos e consumi-los por engano, acreditando serem mágicos”* (B., 43 anos, sexo masculino).

Balão - Óxido nitroso, também é referenciado na entrevista por um único sujeito. Este é usado como psicotrópico em contextos lúdicos, considerado como gás do riso. De acordo com a declaração do sujeito, *“o que ele faz é parar-te o cérebro por pouco tempo, por causa de uma coisa aí que ele tem que já não me lembro o nome. O cérebro pára mesmo e quando saís desse bloqueio dá-te uma grande “vibe”, uma adrenalina. Vendem nas festas, a pessoa vai soprando e aquilo pára-te o cérebro por 15 segundos e mais 15 segundos tas aí fixe e é só. No total dá-te 30 segundos de “vibe”. Tem sido muito usado nas festas, custa 5 euros (...). Pode ser fatal quando misturadas com outras substâncias. Sempre usava aos fins-de-semana nos convívios com amigos, mas já não uso com muita frequência. “Já estive numa festa em que faleceu um rapaz ao usar balão, embora ele também já tinha consumido MDMA. Fiquei com medo”* (E., 23 anos, sexo feminino).

3.3.2. Regularidade de Consumo

Aqui procuramos destacar a frequência de consumo de substâncias psicoativas por parte dos nossos entrevistados. As respostas auferidas demonstram que cinco dos entrevistados apresentam um consumo diário, afirmando um dos entrevistados: *“Tenho muito hábito de consumir (...). Costumo consumir no dia-a-dia, começo logo pela manhã, às vezes nas pausas do trabalho, quando chego a casa e mesmo antes de ir para cama. Também se for correr ou ir para nataçãõ, antes de*

começar tenho o hábito de consumir (e não fica relaxado demais para mergulhar?) Sim, ficas relaxado, mas ao mesmo tempo dá-te mais concentração, é como em cabo verde, tinha sempre de fumar antes das provas na escola” (C., 36 anos, sexo masculino). Apenas um entrevistado apresenta um consumo mais ocasional: “É quando estou naquela “vibe” e, não é qualquer substância. Se eu estiver com alguém que costuma usar eu também uso, mas nunca tive assim uma frequência, ou dizer que consumo por hábito” (D., 23 anos, sexo feminino).

Contudo, alguns dos entrevistados afirmam já terem consumido com maior frequência no passado e, atualmente pretendem atenuar o consumo destas substâncias psicoativas. Tal como declara um dos entrevistados: *“Há uns anos atrás sim, consumia muito, mas agora não me diz muito. Já houve altura que consumia todos os dias, mesmo com muita frequência. Naquela altura tinha mais amigos que usavam drogas, era curiosidade e procurava esquecer os problemas que tinha na família - o que é mau” (A., 30 anos, sexo masculino).*

Estudos destacam que, para a maioria dos usuários, esta prática não se mantém perenemente caracterizando somente uma fase de experimentação ou de uso circunscrito à juventude (Hartnoll, 2002; Soellner, 2005, cit. in Cruz, Machado & Luís, 2012). Neste sentido, resultados apontam-nos para o desejo dos entrevistados em abandonar o consumo, e que de acordo com Hartnoll (2002, cit in Cruz, Machado & Luís, 2012), tende a ser associado à evolução do ciclo vital, nomeadamente a motivos laborais e familiares (Hartnoll, 2002, cit. in Cruz, Machado & Luís, 2012). *“Antes consumia muito, agora posso consumir dois vezes ao dia e no máximo três. Já está numa fase em que já não quero fumar, pretendo deixar” (B., 43 anos, sexo masculino).*

3.4. Droga/Contexto

3.4.1. Individual/ Coletivo

Ao analisar os contextos de consumo deparamo-nos com dois âmbitos. Por um lado, verificamos que existe indivíduo que associa o consumo exclusivamente a situações de festas e lazer, e por outro lado, aqueles que optam preferencialmente para um consumo mais reservado (individual). Para diferentes ocasiões de consumo, diferentes motivações aparecem subjacentes.

Considerando os nossos resultados, para a maioria dos entrevistados não existe um contexto de consumo rigorosamente individual ou coletivo. Ainda que os participantes apresentam prevalência de um consumo “individual”, ocasionalmente, tendem para o consumo entre amigos mais próximos. No entanto, também constatamos aquele que não adotou o hábito de consumo individual, tal como afirma: *“só com amigos ao fim de semana nas festas, é bom ter qualquer coisa para ajudar na diversão, hoje em dia as festas onde não tem MDMA e balão já não é considerada*

uma grande festa, pelo menos nas festas que eu costumo ir” (D., 23 anos, sexo feminino), apresentando assim um consumo de caráter exclusivamente “coletivo”, num ambiente recreativo, procurando aí os efeitos julgados adequados ou necessários para as circunstâncias - se sentir *high*, em transe, para esquecer problemas ou para relaxar (Balsa, 2005).

Ainda no que diz respeito ao contexto, os indivíduos que tendencialmente optam para um consumo mais restrito (individual), apontam a discrição como um elemento essencial na sua relação com as substâncias psicoativas, visto que o indivíduo procura num momento particular e de maior conexão consigo próprio. *“É coisa do meu mundo a parte, quero estar no meu momento. Uso drogas mais para me inspirar, entrar no meu universo”* (A., 30 anos, sexo masculino). Também, as más experiências de consumos em grupo aparecem como outra motivação subjacente ao consumo individual. *“Prefiro consumir sozinho, e os meus pais como já sabem do meu consumo preferem que eu consumo em casa em vez de andar na rua a consumir com amigos. Já fumei com um amigo achando que era apenas erva e na verdade era um cocktail, que é erva e cocaína misturada”* (A., 38 anos, sexo masculino).

Contudo, é consensual entre os entrevistados que o consumo coletivo, especificamente entre amigos, tem as suas vantagens apesar destes benefícios não se vincularem diretamente com as substâncias, tal como é referido: *“No consumo em si posso dizer que não, é mais pela convivência, trocas de ideias, falar de coisas que acontecem a nossa volta. Também no caso de acontecer alguma complicação é bom ter lá os amigos para ajudar. Já houve caso de um conhecido que perdeu os sentidos, desmaiou, e foi bom estar lá os amigos porque conseguiram ajudá-lo”* (A., 30 anos, sexo masculino).

3.5. Saber das Drogas

3.5.1. Efeitos Favoráveis/Desfavoráveis

Todos os entrevistados do presente estudo referem à sensação de alívio, relaxamento, leveza, serenidade e paz, constituindo estas, fatores favoráveis relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. *“Sinto-me calmo, fico pensativo, com a cabeça mais leve, faz-me ficar mais calmo e mais pensativo”* (A., 30 anos, sexo masculino). *“É um alívio bem profundo, não tens preocupação com nada”* (F., 38 anos, sexo masculino.) *“É aquela paz, calma e relaxamento, a pessoa fica até mais filósofo”* (D., 23 anos, sexo feminino). Sensação de mau estar, desmaio, alucinação, transpiração, a dificuldade em adormecer (estando dias acordado) e o coração a bater forte (taquicardia), são fatores desfavoráveis que os nossos participantes associam ao consumo de substâncias psicoativas. Neste sentido, como sugerem alguns estudos, são vários os sujeitos que,

apesar de conscientes dos seus riscos, optam por usar drogas, apontando assim, para a importância dos benefícios que lhes atribuem e para a probabilidade de estes serem mais valorizados do que os prejuízos antecipados (Kelly, 2005; San Julián & Valenzuela, 2009, cit. in Cruz, Machado & Luís 2012).

“Foi uma experiência assustadora, quase desmaiei, pensei que o meu coração ia parar porque batia muito forte (...)” (A., 30 anos, sexo masculino).

“O efeito do MDMA, por exemplo, as vezes não é nada bom, quando uso fico sempre com olhos vermelhos, podes ficar um ou dois dias sem conseguir dormir, tas aí deitado com olhos aberto e não dormes. Isso não faz bem a ninguém” (C., 36 anos, sexo masculino).

“O meu irmão que não estava habituado ao consumo pediu para experimentar e apagou-se, desmaiou mesmo, caiu de frente, tive de o abanar até que ele se despertasse” (B., 43 anos, sexo masculino).

3.5.2. A Gestão de Consumo

Investigações recentes sugerem que os utilizadores de substâncias ilícitas são conscientes dos potenciais prejuízos do consumo, inclusive a nível da saúde (Parker et al., 2002; San Julián & Valenzuela, 2009, cit. in Cruz & Machado, 2010). *“Antes de usar é importante a pessoa pensar nas consequências que podem ocorrer do consumo porque os nossos organismos não são todos iguais. Por isso é bom a pessoa se consciencializar de que se for consumir as coisas também podem correr mal, fisicamente e psicologicamente, não é só pensar que vais aí e que vais ter aquela boa “vibe”, não é com toda a gente que as coisas correm bem” (D., 23 anos, sexo feminino).*

O desenvolvendo de cuidado de gestão de consumo das substâncias psicoativas, surge muitas vezes, como resposta emergente às experiências (boas e/ou más) dos indivíduos na sua relação com as substâncias psicoativas procurando estratégias que os permitam conciliar os consumos com a preservação de um estilo de vida convencional, ainda que muitas vezes, de forma não consciente nem reflexiva (Cruz, Machado & Luís, 2012).

No presente trabalho os participantes apontaram estratégias de gestão de consumo que se prendem precisamente, com a qualidade e quantidade da substância; contexto/circunstância de consumo; tipos de substâncias de consumo; descanso/repouso físico e ocultação do consumo.

Os entrevistados realçam a atenção para com a qualidade das substâncias, sublinhando a questão das misturas que muitas vezes são feitas com as diferentes substâncias. *“Diria que escolhesse uma boa substância porque existem muitas porcarias a serem vendidas e estas coisas em vez de te relaxar ou tranquilizar pode de te deixar em paranoia (...). As vezes alteram as substâncias*

e estas, ou acabam sendo boas demais ou outras vezes podem acabar conosco” (B., 43 anos, sexo masculino). Referente a quantidade de substâncias consumidas é consensual entre os participantes de que um consumo em quantidade exagerado pode ter grandes prejuízos para o indivíduo. Assim, como se descreveu: “MDMA, não é para ser consumido em grande quantidade, porque não é uma coisa que o efeito vem logo, só passado alguns momentos... (...) Por isso se a pessoa tomar em exagero os efeitos podem ser demasiados, sobretudo quando se toma juntamente com álcool (...) (C., 36 anos, sexo masculino).

Relativamente ao contexto/circunstância de consumo, quando ocorre com grupos de pares, é realçada a atenção que se quer ter com tudo o que se passa a volta e principalmente com as substâncias. *“Nunca consumo uma ganza que já vem enrolada! Já fumei com um amigo achando que era apenas erva e na verdade era um cocktail, que é erva e cocaína misturada. Senti-me super mal, mas também me serviu como um “abre olho.” Fumar para mim, se não for sozinho tem de ser mesmo com um amigo muito próximo e convêm sermos bem transparentes sobre a substância que vamos consumir (...). (F., 38 anos, sexo masculino). As experiências de consumo junto de pares ainda são apontadas pelos participantes como um importante meio de aprendizagem quando este constitui um lugar de convivência e de partilha de conversas e experiências, permitindo também, aprender estratégias de lidar com as situações mais críticas. Assim, são valorizadas experiências com outros consumidores, já que os sujeitos tendem a decidir sobre a experimentação destas substâncias e sobre o modo de as usar com base nos mecanismos de controlo social e nas suas aprendizagens em grupos de consumidores, onde se difundem normas que ajudam a gerir os consumos e a evitar más experiências (Becker, 1963/1973; Gourley, 2004; San Julián & Valenzuela, 2009, cit. in Cruz, Machado &Luís, 2012).*

No que diz respeito ao tipo de substâncias de consumo, os entrevistados apontam a importância para o consumo de substâncias que acarreta menos prejuízo para as diversas áreas de vida do indivíduo, destacando a cannabis em detrimento das outras substâncias. *“É o que eu digo sempre, as drogas mais pesadas não é para usar, é por isso que eu não uso. Prefiro a cannabis que é uma erva medicinal. É normal fumar para relaxar porque cannabis não faz mal e está comprovada” (E., 28 anos, sexo feminino).*

Ainda foi dada a importância para com o descanso físico, principalmente quando existe um compromisso a se cumprir. Os participantes alegam que o corpo precisa de um descanso para se recuperar, e esse torna-se ainda mais preciso quando o indivíduo tem de conciliar o consumo com a vida profissional. No entanto, entrevistados admitem terem já trabalhado sob o efeito das substâncias psicoativas, alegando que a cannabis por vezes ajuda-os a estarem concentrados nas suas ocupações.

Por fim, deparamo-nos com a necessidade de conservação da uma imagem perante a família

e sociedade, originando assim, na ocultação do consumo. Os entrevistados partilham da ideia de que os seus consumos não seriam bem aceites, principalmente pelas famílias. *“Eu sou um tipo tímido, não gosto que as pessoas saibam do meu consumo ou que me veem a consumir. E penso a minha mãe não ia gostar de saber que tem um filho que usa droga (...)”* (A., 30 anos, sexo masculino).

3.5.3. Atitude/Juízo de Valor

A preocupação dos indivíduos sem conservarem um consumo funcional é notável, procurando conciliar o consumo com as atividades convencionais, alegando ainda, um autocontrolo sobre os seus consumos. Todos os participantes conotam a cannabis como a substância que não traz consequências graves para o indivíduo, sendo ainda exaltada pelo seu “poder medicinal”. *“A marijuana nunca matou ninguém e não é uma droga que desencaminha as pessoas. Aconselho mesmo em vez de consumir álcool ou fumar tabaco, optar pelas ervas, porque é uma coisa que te relaxa e não é prejudicial. (...) Um colega me contou que uma vez fizeram chá de marijuana para a mãe deles que andava com dores no joelho e, no outro dia ela pediu a mesma coisa porque tinha se sentido melhor”* (C., 36 anos, sexo masculino). *“Mas “MD” e balão são aquelas coisas de momento e, no entanto, corres o risco de ficar com sequelas daquela adrenalina que estas substâncias te proporcionam, levando-te a fazer coisas descabidas. Se parares para pensar vêes que aquilo não tem valor”* (D., 23 anos, sexo feminino).

Diante do exposto, verificamos que os indivíduos apresentam atitudes mais favoráveis face ao uso da cannabis relativamente às outras substâncias mencionadas no presente trabalho, refletindo na sua prevalência de consumo entre todos os entrevistados, tal como defende a teoria da ação racional (Ajzen & Fishbein, 1980; Fishbein & Ajzen, 1975, cit. in Pimentel, Junior, Aragão, 2009), sustentando que o uso de drogas psicotrópicas é determinado pelas intenções e atitudes frente ao uso, além das normas sociais. Assim, estas atitudes e crenças sociais normativas sobre o uso de drogas predizem satisfatoriamente seu uso (Ajzen, Timko, & White, 1982, cit. in Pimentel, Junior, Aragão, 2009).

3.6. Etnia

3.6.1. Ser-se Cabo-verdiano em Portugal

“É sair da nossa terra em busca de melhores condições de vida e que nem sempre ocorre conforme as expetativas” (D., 23 anos, sexo feminino).

Os entrevistados geralmente descrevem o “ser-se cabo-verdiano em Portugal” como uma luta constante, encarado como uma experiência em que o sacrifício para muitos constitui o fio condutor do dia a dia. Ainda é retratado a dificuldade em lidar com questões de cariz burocrático; dificuldade linguística - apesar de esta constituir a língua oficial cabo-verdiana; e também é apontada a questão da habitação, relevando as dificuldades com que muitas vezes se defrontam. Diante destas contrariedades, os bairros sociais muitas vezes constituem uma acessível opção para aqueles que procuram um lugar onde possam se sentir acolhidos, aceites e integrados. No entanto, os que vivem nesses bairros nem sempre são bem vistos, uma vez que, os bairros sociais na periferia constituem lugares de maior conotação relativamente às atividades e os atores das drogas (Fernandes, 1998).

Ser-se cabo-verdiano em Portugal também é lidar com as questões de desigualdades, é perceber que a tua capacidade não é reconhecida, e muitas das vezes, *“nós próprios acabamos por nos sentirmos inferiores e desvalorizados aqui, por exemplo: embora muitas pessoas já possuem uma formação superior dificilmente conseguem encontrar trabalho nas suas áreas de formação e acabam trabalhando também nas limpezas, restauração, hotéis, como aqueles que não se formaram. Os trabalhos menos qualificados e menos valorizados somos nós que fazemos e isso acaba por nos fazer sentir rebaixados em relação aos outros”* (D., 23 anos, sexo feminino). Malheiros et al. (2007) reforçam estas perceções, ao referir que no plano formal, as minorias parecem dispor das mesmas oportunidades e igualdades, mas na verdade tendem a ocupar um lugar subalterno na sociedade, associado à execução de determinadas atividades socialmente desvalorizadas e, frequentemente, não pretendidas pelos nacionais, bem como, à ocupação dos espaços socio-residenciais marginais e menos acolhedores. Remetendo-nos assim, para a questão do racismo estrutural apontado por alguns entrevistados como um entrave para aquilo que se configura ser-se cabo-verdiano em Portugal.

“É estar sujeito ao racismo estrutural que aqui subsiste e que nos negam as oportunidades, realidade com a qual andamos sempre a enfrentar e debater. Ser cabo-verdiano aqui nem sempre é confortável, pois, muitas vezes és tratado sem nenhuma dignidade” (E., 28 anos, sexo feminino).

No entanto, para aqueles que nasceram aqui (descendentes de imigrantes) a realidade parece ser outra. *“Os que nasceram aqui em relação a aqueles que já vem numa idade adulta penso terem maiores oportunidades, já conhecem melhor as coisas, não tem barreiras linguísticas, estão mais à vontade”* (D., 23 anos, sexo feminino). É unânime entre os entrevistados que os descendentes não partilham dos mesmos obstáculos, principalmente, a questão linguística. Estes são referidos como pessoas mais informadas, diferenciadas por manterem uma melhor relação com a cidade, podendo assim, explorar com uma maior abertura as melhores oportunidades de

emprego.

Contudo, importa aqui ressaltar que ser-se cabo-verdiano em Portugal não se prende apenas com as dificuldades aqui evidenciadas, de um modo geral, ser-se cabo-verdiano em Portugal é ser humilde, é ser visto como um povo trabalhador e guerreiro. Sendo ainda, a comunidade cabo-verdiana reconhecida como uma *“comunidade grande onde nos sentimos em casa, onde podemos e conseguimos viver a nossa cultura”* (E., 28 anos, sexo feminino).

3.6.2. Comunidade Cabo-verdiana e as Drogas: Os Discursos

Muitos são os discursos que se foram formando a volta do consumo de substâncias e sobre aqueles que estão sujeitos ao seu consumo. Ao longo das nossas entrevistas deparamo-nos com diferentes perspetivas acerca de consumo de substâncias psicoativas por parte da comunidade étnica cabo-verdiana. Os dados permitiram-nos contemplar a questão de consumo de substâncias psicoativas dentro da comunidade cabo-verdiana ao longo do tempo. Os entrevistados descrevem que, em tempos mais longínquos, os consumos não acarretavam tanta preocupação, uma vez que, não constituía uma prática muito comum entre os jovens e aqueles que consumiam eram de forma ocultada. A preocupação em preservar uma boa imagem social e familiar eram as principais preocupações, pois, o consumo era encarado de forma muito negativa, principalmente pelos “mais velhos”, que tendencialmente associam o consumo de substâncias psicoativas à marginalidade.

“As pessoas “mais velhas” acreditam que as drogas tornam a pessoa num delinquente, ladrão e agarrado. São contra os consumos, aconselham sempre a não usar estas substâncias, nem mesmo álcool, encaram isso como uma coisa destrutível, já levam isso bem mais a sério” (A., 30 anos, sexo masculino).

“Antigamente já foi pior, por isso que eu estava a dizer, quando comecei a fumar eu andava com escovas para lavar os dentes ou então tinha de ter pastilhas elásticas, para ninguém sentir o cheiro. Agora as coisas estão mais liberais, mas há sempre aquele respeito pelos mais velhos” (A., 36 anos, sexo masculino).

Entretanto, os entrevistados chamam a atenção para a extravagância e o exagero em torno de consumo de substâncias psicoativas dentro da comunidade cabo-verdiana em Portugal, e sobretudo entre as gerações mais novas, onde *“o consumo de substâncias psicoativas passou a ser normalizado e até mesmo romantizado (...)”*. Dão-nos conta que, atualmente, o consumo de substâncias psicoativas, tem aumentado de forma preocupante no seio da comunidade étnica cabo-verdiana, particularmente, nos bairros sociais definidos como zonas residenciais

desintegradas da malha urbana e que no discurso popular e mediático, são considerados responsáveis pela criminalidade, venda de droga e insegurança urbana (Malheiros et al., 2007).

“Os bairros que eu conheço são problemáticos a nível de drogas, sobretudo aqui em Lisboa, tenho amigos na buraca, mas as vezes evito ir aí. São sítios que tem muita droga, e há sempre problemas onde há drogas, então tento evitar sempre estes sítios (A., 36 anos, sexo masculino).

“(…) Se vais numa festa em que o dono da festa distribui MD é considerada a melhor festa de todos os tempos, e se não tiver já não é uma festa fixe. Num grupo de dez pessoas, nove vão usar o MD e se esses nove usam no final o outro acaba também por usar, é muito influente e já se torna uma coisa frequente. Penso que muitos consomem para demonstrar que se estão a divertir numa festa e a terem grande vibe. E tenho reparado que os jovens não estão a trabalhar, mas todos os fins-de-semana arranjam dinheiro para MD, balão, e para as bebidas” (D., 23 anos, sexo feminino).

É consensual entre os entrevistados de que as substâncias psicoativas passaram a ser vistas muito pelo seu lado recreativo, partilhando da ideia de que muitos dos jovens não têm sequer conhecimento sobre as substâncias que andam a consumir, incorrendo nos consumos pela mera curiosidade em experienciar os efeitos das substâncias, pela acessibilidade das substâncias e diversão. *“Antigamente a droga era pouca e muita gente tinha medo de usar drogas fortes, mas hoje em dia as coisas estão diferentes, já temos diferentes tipos de drogas e elas estão de fáceis acessos e as pessoas querem experimentar. Muitos jovens já se metem nisso. É por isso que hoje já temos mais consumidores. Muita gente nem tem conhecimento do que anda a fazer, e quando querem sair aí já é tarde” (F., 38 anos, sexo masculino).* Aquilo que antes era considerado “medo da exposição”, hoje em dia parece já não fazer parte da preocupação daqueles que fazem uso destas substâncias psicoativas, *“o consumo tem-se tornado cada vez mais exposto, até já vi uma pessoa a cheirar cocaína numa live, bem tranquilo. Entre nós jovens parece que isto já é normal” (D., 23 anos, sexo feminino).*

Por último, deparamos com a questão do tráfico de substâncias ilícitas que vem ganhando algum terreno entre os jovens. *“Não sei se há muito consumo, pelo menos não sei dizer a percentagem, mas há muita venda. Tráfico mais do que consumo, penso. É como nas favelas, há pessoas que tem os seus trabalhos e não tem nada a ver com aquilo e nos bairros também é assim, há pessoas que vão para os seus trabalhos, mas vivem aí nestes sítios, e há aqueles que fazem as suas vidas de outra forma, mais obscura (A., 36 anos, sexo masculino).* Conforme descreve Malheiros et al. (2007), na falta de condições locais e de perspectivas, alguns deixam-se levar pela ilusão de um caminho que parece fornecer satisfações mais fáceis, ou, em alternativa, ao invejarem um amigo ou um familiar bem-sucedido, tornam-se um alvo fácil nas malhas do tráfico. Desta

forma, muitos dos que se submetem a essa prática como fonte de renda acabam por se tornarem os próprios consumidores. *“Muitas pessoas que vendem drogas acabam também por consumir, dos que conheço em 100% a maioria é assim, todos acabam por consumir. De tanto conviver com aquela droga que acabam por consumi-la, pelo menos: cocaína, erva, haxixe e MD”* (F., 38 anos, sexo masculino). Assim, como descreve Fernandes (1995), os atores hibridam-se, concretizam-se em novos personagens: o junkie-dealer (o “traficante-consumidor”), o sem abrigo-junkie, o ex-recluso-dealer, etc. (...), desenvolvendo-se uma microeconomia que o discurso social diz que é ali – ali, no casal ventoso, ali na Buraca (...).

Nota de Síntese

Considerando os resultados anteriores, no que toca aos significados de consumo de substâncias psicoativas relativamente ao ser-se cabo-verdiano em Portugal, primeiramente importa aqui referir que, ser-se cabo-verdiano em Portugal, prende-se precisamente com o redescobrir de uma nova forma de ser e de estar. Essa redescoberta transporta identidades fragmentadas, laços familiares, valores e hábitos deixados para trás, dando lugar a uma nova vivência, carecendo de uma nova forma de ver e perceber a nova realidade envolvente, onde a adaptação e as oportunidades nem sempre são satisfatórias para todos.

Diante desta fragmentação e mediante a vasta disponibilidade e facilidade de acesso às drogas, o consumo vem ganhando grande espaço e transportando diferentes sentidos para aqueles que direta ou indiretamente vêm-se comprometidos com a questão de consumo de substâncias psicoativas. De acordo com os nossos dados, verificam-se que os indivíduos tiveram as suas primeiras experiências com as substâncias psicoativas numa idade média de 16 anos, sendo a curiosidade, pressão dos pares e a tensão psicológica as principais motivações. Todos os entrevistados alegam a cannabis como a primeira substância de consumo. Para a maioria dos participantes o consumo de substâncias psicoativas é encarado como aquilo que transforma e modifica a forma de ver e sentir as coisas, sendo a cannabis, a droga predominante e facilitadora desta transformação. Além do seu caráter recreativo, no presente trabalho também deparamos com consumo enquanto refúgio, através do qual procura-se lidar com as fragilidades.

Como já referido anteriormente, todos os participantes apontam a cannabis como a primeira substância de consumo, no entanto, ao longo das entrevistas, foram sendo mencionadas outras substâncias como ecstasy (MDMD), cogumelos alucinogénos e balão. Os entrevistados apresentam na sua maioria um consumo regular de cannabis, compreendida como parte essencial do dia adia

para alguns dos indivíduos, sendo as outras drogas de consumo mais esporádico ou de caráter meramente experimental, consoante as circunstâncias e a predisposição da pessoa.

Decorrentes do uso de substâncias psicoativas foram conotadas como positivo, a sensação de prazer e bem-estar, designadas aqui como efeitos favoráveis. Não obstante, os entrevistados referem efeitos desfavoráveis associados ao consumo de substâncias psicoativas, caracterizados pelo mau estar, desmaio, alucinação, taquicardia e transpiração. Como resultados destas experiências (favoráveis/desfavoráveis), emergem certos cuidados de gestão de consumo, como a atenção para com a qualidade e quantidade de substâncias de consumo, optar por um contexto/circunstância que transmite segurança e na companhia de pessoas de confiança, de forma a prevenir acontecimentos de possam pôr em causa a saúde e bem-estar do indivíduo. Foi também realçada a atenção para com o tipo de substância de consumo, alertando para as drogas “mais pesadas”; o descanso físico, realçando o respeito para com os compromissos (trabalho); e por último, observamos a ocultação do consumo de forma a resguardar uma boa imagem, tanto a nível social como familiar.

Ainda, foi possível, verificar atitudes/juízos desenvolvidos em torno da questão do consumo das substâncias psicoativas, deparando com a preocupação que os indivíduos sustentam para com a preservação de uma vida convencional plena, optando preferencialmente pelo uso da cannabis. A mesma é percebida por todos como a substância menos nociva e sem prejuízo para indivíduo, exaltada ainda pelo seu “poder medicinal”. É devido a estas características, que para os entrevistados, o uso da cannabis proporciona um consumo funcional. Todos os participantes alegam um autocontrolo sobre os seus consumos.

Contudo, podemos aqui dizer que esta realidade de consumo das substâncias psicoativas perante esta nova forma de ser e de estar desta antiga comunidade étnica ainda em integração, vem-se convertendo num acontecimento vulgar, normalizado e romantizado onde a exposição do mesmo já não incomoda e nem causa tanta polémica, especialmente para a geração mais nova, que mediante a curiosidade, cada vez mais cedo tende a principiar o consumo de substâncias psicoativas. E, por fim, importa também referir que, essa normalização de consumo que se assiste nessa nova geração, o mesmo não subsiste quando se trata das gerações “mais velhas” que, tendencialmente associam o consumo das substâncias psicoativas à delinquência e marginalização, conservando uma realidade que para muitos já não existem.

Considerações finais

A relação que o homem preserva com as substâncias psicoativas acompanha a história da humanidade ao longo dos tempos, passando do seu uso cerimonial na antiguidade, para o consumo contemporânea de busca de prazer e de alívio imediato de desconforto físico, psíquico ou de pressão social (Medeiros et al., 2013).

Por meio de um exercício de proximidade às práticas do consumo de substâncias psicoativas pela comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal, assistimos à manifestação de um vivido imbuído de significados, refletindo vivências de uma comunidade étnica que transporta consigo contornos de uma história enraizada nas múltiplas formas de carência. Na impotência de distanciar o sujeito da sua realidade de vida e mediante a forma como este relata as suas vivências, permitiu-nos dar conta do impacto que as trajetórias do vivido têm sobre as experiências subjetivas do indivíduo, dando-nos a conhecer, marcas que retratam a sua relação com as substâncias psicoativas. Por um lado, os nossos resultados aproximam-se de alguns trabalhos desenvolvidos, conforme as evidências empíricas apresentadas no capítulo “droga e etnia”. Observamos que o consumo de substâncias psicoativas é encarado muitas vezes como forma de lidar com as pressões psicológicas, assim como os conflitos familiares a que os indivíduos estão sujeitos, indo ao encontro dos resultados encontrados por Gaspar et al. (2006), demonstrando que estes jovens pertencentes aos grupos étnicos minoritários estão sujeitos às pressões que potencializam a tendência para comportamentos ditos problemáticos.

Ainda foi possível verificar uma prevalência de família monoparental na qual a mãe é apontada como a única figura parental. Esta desestruturação familiar que segundo Neto (2003, cit. in Gaspar et al., 2006), constitui um dos fatores de tensão e de risco entre os jovens dessas comunidades e que de acordo com Frasquilho, 1996; Griffins, Scheiier, Borvin, Diaz & Miller, 1999; Steinberg, Dornbusch & Brown, 1999; Roberts, Phinney, Masse & Romero, 1999u; Carlson, Uppal & Prosser, 2000; Matos, Gaspar et al., 2003 (cit. in Gaspar e tal., 2006), traduz-se em características associadas ao estilo de vida que envolvem perigo.

A comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal, como já mencionado anteriormente, constitui uma comunidade grande e complexa, onde a situação socioeconómica muitas das vezes não é a mais propícia. Desta forma, muitas famílias, especialmente as mais desestruturadas que encontraram nos bairros sociais um lugar de acolhimento, procurando dar respostas às suas fragilidades económicas, vêem-se obrigadas a passarem a maior parte do tempo fora de casa, em trabalho, deixando os filhos aos seus próprios cuidados. Desta forma, uma vez que o controlo exercido pelos pais torna-se reduzido, os jovens e as crianças estão mais propensos a condutas de

risco (Pais, 2003, cit. in Malheiros et al., 2007), constituindo assim aquilo que Fountain et al. (2004), chama de posição de vulnerabilidade relativamente ao uso problemático das drogas pelos indivíduos pertencentes às comunidades étnicas, e que Alexander (2010); Kubrin et al., (2009); Leiberet al., (2010); Reboussin et al., (2016); Wight et al., (2004), cit. in Ash-Houcher e Lo, (2020), sustentam ao citarem que indivíduos pertencentes a essas comunidades étnicas, por concentrarem em áreas urbanas socialmente desorganizadas com maior índice de incidência criminal e de pobreza, apresentam maior risco de ingressarem no “mundo das drogas”.

Os nossos resultados ainda vão ao encontro dos dados obtidos com trabalho conduzido por Fountain et al. (2004), evidenciando que muitos daqueles que procuram desenvolver uma economia informal, ligada à distribuição de drogas, por vezes, também acabam por ser eles próprios os consumidores destas substâncias psicoativas.

Se por um lado, o resultado permitiu-nos verificar algumas coerências com alguns estudos anteriormente desenvolvidos acerca da droga e etnia, por outro lado, as narrativas obtidas junto dos nossos entrevistados traz-nos informações inéditas ao revelar-nos indicadores que nos permite dar conta de uma comunidade étnica cabo-verdiana cada vez mais recetiva ao consumo das substâncias psicoativas, principalmente entre as faixas etárias mais jovens. Se antes os indivíduos detinham de grande cuidado em manter oculto o consumo das substâncias psicoativas, procurando defender-se das reprovações e rótulos por parte da comunidade, hoje em dia, essa prática não carrega o mesmo comprometimento, reproduzindo vivências de uma nova forma de ser e de estar perante um fenómeno outrora pouco compreendido e aceitável.

Contudo, é mergulhando nessa nova realidade que nos aproximamos, no presente trabalho, de uma melhor compreensão dos significados de consumo de substâncias psicoativas pela comunidade cabo-verdiana em Portugal.

Em forma de conclusão, consideramos aqui uma apreciação crítica do presente trabalho, apresentando as suas potencialidades, limitações e sugestões futuras, mediante a construção de um saber compreensivo da realidade em estudo. No que diz respeito às potencialidades, destacamos a colaboração daqueles que participaram e contribuíram de um modo autêntico para o desenvolvimento dessa investigação. Esta particularidade permitiu-nos chegar às questões pertinentes, fornecendo assim, uma maior consistência ao estudo. Relativamente às limitações, por um lado, apesar de adquiridos muitos contactos, foram poucos os que demonstram interesse em colaborar, tendo alguns alegado nunca terem proximidade com as substâncias psicoativas. Por outro lado, o facto de ter um reduzido número de indivíduos dispostos a colaborar com a investigação, constituiu um entrave para o avanço da pesquisa, o que de uma certa forma abalou a expectativa inicial da investigadora.

Posto isto, parece pertinente recomendar o desenvolvimento de estudos complementares ao presente trabalho, onde se possa explorar e aprofundar de forma mais ampla a questão em análise. Um estudo regular também nos parece pertinente, de modo a poder acompanhar o evoluir da questão e prevenir eventuais prejuízos. Realça-se ainda, a importância de abranger um maior número de amostras de forma a garantir maior representatividade da realidade de consumo de substâncias psicoativas na comunidade étnica cabo-verdiana em Portugal.

Por fim, importa acrescentar que os resultados obtidos no presente trabalho embora, não sejam representativos da população, concede-nos um olhar mais abrangente sobre a realidade de consumo pela comunidade cabo-verdiana em Portugal, permitindo trazer contribuição para um melhor conhecimento acerca da “droga e etnia”.

Referências bibliográficas

- Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Ash-Houchen, W., & Lo, C. (2020). Racial/Ethnic differences in illicit substance use: A Temporal-Ordered Test of General Strain Theory, 50(2), 209-230. <https://doi.org/10.1177/0022042620904707>.
- Balsa, C. (2005). Festa e Droga: Circunstâncias dos consumos de substâncias psicoactivas ilícitas na população portuguesa. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, Edições Colibri*, (17), 17-31.
- Batalha, L. (2008). Cabo-verdianos em Portugal: “comunidade” e identidade. In Gois et tal. (Orgs.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana* (pp. 25-36). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. (Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70.
- Bernardo, M., Carvalho, M. (2012). O significado do uso de drogas no discurso de jovens consumidores portugueses. *Health and Addictions / Salud y Drogas*, 12(2), 227-252. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/004912418101000205>
- Biologia net: Drogas. Recuperado em: <https://www.biologianet.com/saude-bem-estar/drogas.htm>
- Blumer, H. (1982). *El Interaccionismo Simbólico: Perspectiva y Método*. Barcelona
- Bréton, R. (1999). *As Etnias*. Editor: Rés Formalpress.
- Cabecinhas, R. (2007). *Branco e Preto. A Naturalização da Discriminação Racial*. Porto: Campo das letras, Editores. S.A.
- Canábis. Recuperado em abril de 2022 de <https://saudemental.pt/canabis/>.
- Coronato, D., Oliveira, G., & Rdrigues, R. (2020). Para além da “GUERRA ÀS DROGAS”: México, Estados Unidos e o Paradoxo do Proibicionismo.
- Cruz, O., Machado, C. (2010). O consumo “não problemático” de drogas ilegais. 12(2), 39-47.
- Cruz, O., Machado, C., Fernandes, L. (2012). O “problema da droga”: Sua construção, desconstrução e reconstrução. 3(1-2), 49-61.

El Ordem Mundial (2018, setembro 11). La “guerra contra las drogas” en Estados Unidos. Recuperado de <https://elordenmundial.com/la-guerra-contra-las-drogas-en-estados-unidos/>

El País (2019, dezembro 28). A droga do riso que não causa graça na Europa. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/20/internacional/1576840565_348450.html

Escohoatado, A. (2004). *História Elementar das Drogas*.

Fernandes, L. (1990). Os pós-modernos ou a cidade, o setor juvenil ou as drogas: Estudo teórico-metodológico e pesquisa de terreno.

Fernandes, L. (1995). O sítio das drogas. Etnografia urbana dos territórios psicotrópicos. *Toxicodependências* (2), 22-32.

Fernandes, L. (1998). Periferias sociais e fenómeno droga. *Toxicodependências* (2), 5-13.

Fernandes, L. & Carvalho, M. (2000b). Por onde anda o que se oculta: O acesso a mundos sociais de consumidores de drogas através do método de snowball. *Toxicodependências*, Vol. 6(3), 17-28.

Fountain, J., Bashford, J., Underwood, S., Khurana, J., Winters, M., Carpentier, C., & Patel, K. (2004). Drug use amongst Black and minority ethnic communities in the European Union and Norway. *Probation Journal*, 51(4), 362 – 378. <https://doi.org/10.1177/0264550504048242>

Fonte, C. (2006). Comportamentos Aditivos: Conceito de Droga, Classificações de Drogas e Tipos de Consumo. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*. Porto, (3), 104-112.

Flois, C. (2017). Identidade e diversidade cultural no pós-colonialismo. *Revista Espetativa*, 16 (2), 66-83. <https://doi.org/10.48075/revex.v16i2.18025>

Gaspar, T., Gonçalves, A., Ramos, V., Matos, M. (2006). Desvantagem sócio-económica, etnicidade e consumo de álcool na adolescência. *Análise Psicológica*, 4(24), 495-508.

Gil, A. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas S.A.

Góis, P. (2008). As migrações cabo-verdianas para Portugal. In Gois et tal. (Orgs.), *Comunidade(s) Cabo-verdiana(s): as Múltiplas Faces da Imigração Cabo-verdiana* (pp.9-24). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Gonçalves, A. & Pinto, T. C. (2001). Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmos: Actores, Imagens Públicas e Identidades. *Cidades -Comunidades e Territórios*, (3), 111-131.

Guerra, E. (2014). *Manual de Pesquisa Qualitativa*. Belo Horizonte: Grupo Ânima Educação.

Khan, S., (2016). As cores da investigação em Portugal: África, identidade e memória. *Configurações*, 17, 43-56. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.3282>

- Machado, F. (1992). Etnicidade em Portugal: Contraste e politização. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 12, 123-136.
- Machado, F. (1994). Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade. *Sociologia - Problemas e Práticas*, (16), 111-134.
- Malheiros, J., Mendes M., Barbosa C., Silva S., Schiltz, A. & Vala, F. (2007). Espaços e expressões de conflitos e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa. Lisboa: ACIME
- Maurice, A. (1997). *Identidades Reconstruídas. Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Martins, P. (2009). Cabo-verdianos em Lisboa: Manifestações expressivas e reconstrução identitária. *Horizontes Antropológicos*, (31), p. 241-262.
- Marques, J. (2007). Do «não racismo» português aos dois racismos dos portugueses - Tese de Doutoramento em Sociologia.
- Matos, M., Gaspar, T., & Gonçalves, A. (2004). Adolescentes estrangeiros em Portugal: Factores ligados ao risco e à protecção. *Psicologia, Doenças & Saúde*, 5(1), 75-85.
- Mendes, R., Miskulin, R. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, 47(165), 1044-1066. <https://doi.org/10.1590/198053143988>
- Medeiros, K., Maciel, S., Sousa, P., Souza, F., Dias, C. (2013). Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 269-279.
- Minayo, M. & Costa, A. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40, 139-153.
- Monteiro, C., Araújo, T., Sousa, C., Martins, M., & Silva, L. (2012). Adolescentes e o Uso de Drogas Ilícitas: Um Estudo Transversal. *Revista enfermagem*. UERJ, Rio de Janeiro, 20(3),344-8. Recuperado de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4105>
- Negreiros, J (2003). Prevalência e Padrões de Consumo Problemáticos de Drogas em Cinco Cidades Portuguesas, 9(2), 03-22.
- Nunes, I., & Jóluskin, G. (2007). O uso das drogas: Breve análise histórica e social. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 4, 230-237.
- Pedrosa, S., Caetano, k., França, D., Silva, L., santos, P., santos, w., Teles, S., & Medeiros. M. (2020). Motivação para primeira experiência do uso de drogas e recaídas de pessoas em tratamento. *Revista Eletronico Enfermagem*, 1-9. <https://doi.org/10.5216/ree.v22.58894>.

- Pimentel, C., Júnior, L., Aragão, T. (2009). Atitudes Frente ao Uso de Álcool, Maconha e Outras Drogas: Verificando Relações de Predição e Mediação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 29-35.
- Poiars, C. (1998). As drogas ilícitas: Consumo, incriminação e desculpabilização. *Revista Toxicodependências*, (3), 57-66.
- Poiars, C. (1999). Contribuição para uma análise histórica da droga. *Revista Toxicodependências*, (1), 3-12.
- Santos, J., Mendes, M., Rego, C. & Magalhães, M., & Silva, L. (2009). Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses. Trabalho apresentado no 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional, 6-11 de julho de 2009, Cidade da Praia, Ilha Santiago, Cabo Verde.
- Silva, G. (2010). O método científico na psicologia: Abordagem qualitativa e quantitativa. PSICOLOGIA.PT
- Ribeiro, E. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidencia, Araxá*, (4), 129-148.
- Ribeiro, C. (2009). Que lugar para as drogas no sujeito? Que lugar para o sujeito nas drogas? Uma leitura psicanalítica do fenómeno do uso de drogas na contemporaneidade. *Ágora*, 7(2), 333-346.
- Ribeiro, A., & Ribeiro, M. (2016). *Geometrias da Memória: Configurações Pós-Colônias*. Edições Afrontamento.
- Rodrigues, T. (2008). Trafico, guerra e proibição. In: Labate B., Goulart, S., Fiore, M., Macrae, E., Carneiro, H. (Orgs.). *Drogas e Cultura: Novas perspetivas* (pp.91-103). Salvador: EDUFABA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16166>
- SICAD. Substâncias psicoativas. Recuperado de <http://www.sicad.pt/PT/Cidadao/SubstanciasPsicoativas/Paginas/detalhe.aspx?itemId=17>
- SICAD (2018, dezembro 12). Comportamentos aditivos - substâncias. Recuperado de: <http://www.sicad.pt/PT/Cidadao/Tu-alinhas/ComportamentosAditivos/Substancias/Paginas/default.aspx>
- SICAD (2018). Padrões de Consumo e Problemas Ligados ao Uso de Drogas: Uma Análise em Função do Género. Recuperado de https://www.sicad.pt/BK/EstatisticaInvestigacao/EstudosConcluidos/Documents/2019/Dossier_Tematico_Genero.pdf

Vala, J. (1986). A Análise de Conteúdo. In Pinto, J. & Silva, A. (Eds). *Metodologia das ciências sociais*(pp.101-128). *Afrontamento*.

Vaz, N. (2005). *Identidade Étnica e Etnicidade: Uma Análise do Tecido Social do Ruanda*. Dissertação de Mestrado em Estudos Africanos. Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento.

Veiga, S. (2012). *Os Emigrantes cabo-verdianos em Portugal: Identidade construída*. Trabalho de Projecto de Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Watters, J. K., & Biernacki, P. (1989). Targeted Sampling: Options for the Study of Hidden Populations. *Social Problems*, 36(4), 416 - 430. <https://doi.org/10.1525/sp.1989.36.4.03a00070>

WebQDA (2017, novembro 13). Ensino de investigação qualitativa em psicologia: estímulos e desafios. Recuperado de <https://www.webqda.net/ensino-de-investigacao-qualitativa-em-psicologia-estimulos-e-desafios/>

Anexos

Anexo 1: Guião da entrevista

Primeiramente, foi apresentada uma breve explicação do objetivo da entrevista no âmbito da investigação, garantir a questão do anonimato e confidencialidade do conteúdo da entrevista e seguidamente, avançar com o pedido de autorização para a gravação da entrevista.

1- Caracterização sociodemográfica:

Idade

Sexo

Estado Civil

Escolaridade

Ocupação

Família

2- Experiência de consumo:

- Primeira substância de consumo/primeira experiência de consumo
- Substâncias de consumo
- Regularidade de consumo

3- Tipo de contexto:

- Contexto /ocasião de consumo
- Consumo desacompanhado
- Vantagem ou desvantagem associado ao consumo junto dos pares; se sim, quais?

4- Funcionalidades do consumo:

- O que procura alcançar quando consome (expetativa)

- Como se descreve os efeitos da droga
- Como se sente depois de ter vivenciados os efeitos das drogas
- Experiência marcante associada ao consumo (positiva ou negativa)
- O que considera ter aprendido com essas experiências

5- Comunidade étnica cabo-verdiana e o consumo:

- Influência da comunidade étnica no consumo de drogas
- Aceitação dos consumidores pela comunidade
- Discriminação associado ao consumo
- Ser cabo-verdiano em Portugal

Observação: Ao longo da entrevista poderá aparecer outras questões, dependendo do desenrolar da entrevista e do próprio entrevistado, dado a particularidade do percurso de vida de cada um dos participantes.

Anexo 2: Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias	Caraterização dos Indicadores
Componentes biográficos		Reúne todos os elementos que nos permite construir um retrato do entrevistado.
Droga/Experiência	<p>Primeira experiência de consumo</p> <p>Significados dos consumos</p>	<p>Refere a todo o segmento que reporta ao primeiro consumo (p.e. idade, 1ª substância de consumo, razão do consumo).</p> <p>Refere a utilidade das drogas para o indivíduo, as significações e toda a associação referente ao mesmo</p>
Droga/substância	<p>Tipos de drogas</p> <p>Formas de consumo</p> <p>Regularidade de consumo</p>	<p>Faz referência a qualquer tipo de substância mencionada pelos entrevistados.</p> <p>Refere ao tipo de consumo (fumado, injetado, vapor, etc.).</p> <p>Refere-se a frequência dos consumos.</p>
Droga/Contexto	<p>Individual</p> <p>Coletivo</p>	<p>Faz referência ao ambiente de consumo individual, sem presença dos terceiros.</p> <p>Consumo em grupos (grupos mais reservados; nas festas/convívios).</p>
Saber das Drogas	<p>Efeitos de consumo</p> <p>Gestão de consumo</p>	<p>Refere as sensações ou estado do sujeito, que o mesmo descreve como resultado do consumo.</p> <p>Refere as estratégias de gestão de consumo que o indivíduo desenvolve para</p>

	Atitude/juízo de valor	com seu o consumo. Saberes/conhecimentos que o indivíduo demonstra ter acerca das drogas – atitudes perante consumo e substâncias.
Etnia	Ser-se cabo-verdiano em Portugal Comunidade cabo-verdiana e as drogas: os discursos	Refere toda a secção de texto que fala dos cabo-verdianos, das suas vivências, desafios, etc. Refere-se a tudo que a comunidade pensa e fala sobre drogas.